• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



# O DISCÍPULO

UM CHAMADO
**PARA SER COMO CRISTO**

# JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



# O DISCÍPULO

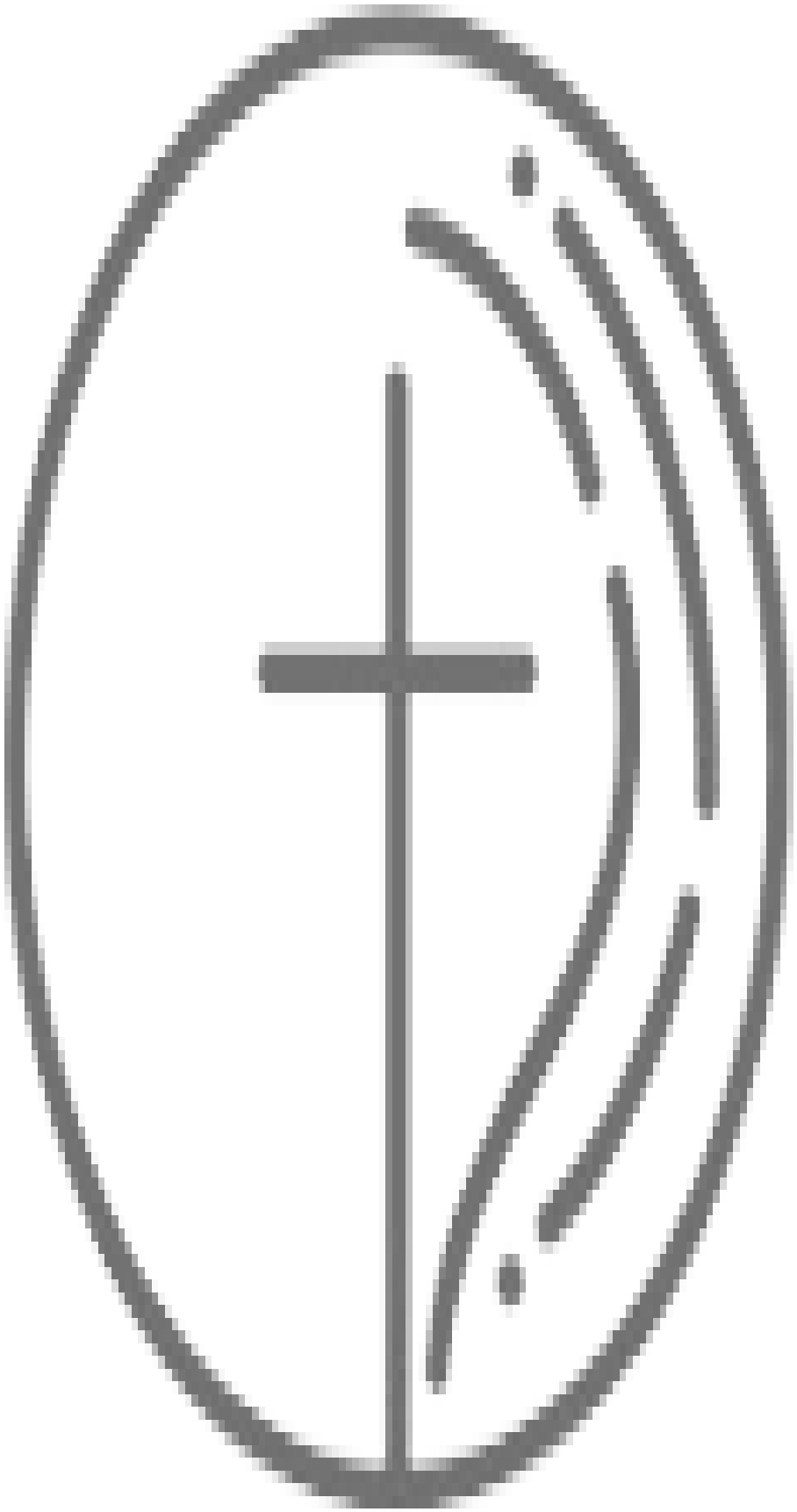
UM CHAMADO
**PARA SER COMO CRISTO**

# JOHN STOTT

# O DISCÍPULO

# JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



# O DISCÍPULO

UM CHAMADO PARA SER COMO CRISTO

TRADUZIDO POR DENIS TIMM




VIÇOSA|MG

**Sumário**


Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. O ouvido atento

2. Mente e emoções

3. Orientação, vocação e ministério

4. O primeiro fruto do espírito

Conclusão

Notas

Crédito

# PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,[1] enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.[2]

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O

Evangelho", "O Discípulo" (o livro que você tem em mãos), "A Bíblia", "A Igreja" e "O Mundo", embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da "dupla escuta". Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

Adaptado do Prefácio original escrito por John Stott em 1991.

# UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado O Cristão Contemporâneo, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.

Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.

Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

# O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO

# O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

## CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma pessoa histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos acontecimentos históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era verdadeiro, mas se era relevante. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.[1]

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.[2] É uma questão difícil. Ao responder a ela, a

Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

## TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em Jesus, o asceta, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.[3]

Também havia Jesus, o pálido galileu. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia Jesus, o Cristo cósmico, muito amado pelos líderes da igreja bizantina.

Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram Jesus, o mestre do senso comum,[4] inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há Jesus, o palhaço de Godspell, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é Jesus Cristo Superstar, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como Jesus, o lutador da liberdade, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.[5] Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

## CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao espírito do tempo.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época ("todos... me abandonaram"),[6] Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas pedras de tropeço são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é "verdadeiro e de bom senso".[7] A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu "escândalo" (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: "Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois

são rebeldes”.[8] Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que fugimos para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos conformamos a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso

propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um "cristão contemporâneo". Nós juntamos o "histórico" e o "contemporâneo" enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no "agora" à luz do que já aconteceu "antes".

## INTRODUÇÃO

# O DISCÍPULO

O DISCIPULADO CRISTÃO (isto é, seguir a Cristo) é uma responsabilidade multifacetada. Os quatro aspectos que escolhi podem parecer, de alguma forma, aleatórios, mas todos tendem a ser subestimados ou até mesmo ignorados.

Começo mencionando “o ouvido atento”. Pois, embora todos os órgãos do nosso corpo devam ser consagrados a Deus (incluindo os nossos olhos e lábios, as nossas mãos e pés), é possível mostrar a importância de ver os nossos ouvidos como os mais importantes. Todo verdadeiro discípulo é um ouvinte, como começamos a ver na introdução da série.

O capítulo 2 (“Mente e emoções”) recorda que o nosso Criador nos fez pessoas ao mesmo tempo racionais e emocionais, e então analisa algumas das ligações mais significativas entre essas duas características da personalidade humana.

No capítulo 3, sob o título “Orientação, vocação e ministério”, descobrimos que o discipulado se manifesta em serviço e traçamos considerações de como podemos discernir a vontade de Deus e o chamado de Deus na nossa vida.

Para o capítulo final é reservada uma discussão do primeiro fruto do Espírito, que é o amor. Sua primazia nos discípulos cristãos está bem expressa no Livro de Oração Comum, que o descreve como “o mais excelente dom da caridade, o próprio vínculo da paz e de todas as virtudes, sem o qual todo aquele que vive é contado como morto diante de Deus”.

CAPÍTULO 1

# O OUVIDO ATENTO

JÁ NOTAMOS que um dos mais importantes – e dos mais negligenciados – ingredientes do discipulado cristão é o cultivo de um ouvido atento. Maus ouvintes não são bons discípulos.

O apóstolo Tiago foi claro sobre isso. Suas advertências de que a língua é "um mal incontrolável, cheio de veneno mortífero"[1] são bastante conhecidas, mas ele não tem críticas semelhantes para o ouvido. Ele nos exorta a não falar demais, mas parece sugerir que nunca podemos ouvir demais. Eis a sua exortação: "Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus."[2]

Que órgão extraordinário Deus criou na forma do ouvido humano! Claro, o que geralmente chamamos de ouvido é apenas o ouvido externo, aquela projeção carnuda no lado da cabeça que pode vir numa variedade de formas e tamanhos. A partir dele, um canal de dois centímetros leva ao tímpano, atrás do qual está o ouvido médio. Aqui, os três menores ossos do corpo (popularmente conhecidos como bigorna, martelo e estribo) amplificam o som vinte e duas vezes e passam-no para o ouvido interno, onde a audição real ocorre. Seu principal componente é o tubo em forma de caracol chamado cóclea. Contém milhares de células microscópicas, semelhantes a cabelos, cada uma das quais está sintonizada com uma vibração particular. As vibrações agora são convertidas em impulsos elétricos, que transmitem som ao cérebro para decodificá-lo ao longo de 30 mil circuitos do nervo auditivo, o suficiente para o serviço telefônico de uma cidade considerável. É com justiça que o ouvido humano tem sido celebrado como um triunfo da miniaturização.[3]

Quando pensamos o quanto esse órgão é versátil e sensível, lamentamos por não

dar a ele um uso melhor e por não desenvolver a nossa capacidade de ouvir. Penso não só na música, no canto dos pássaros e nos animais, mas também no valor da conversa para os nossos relacionamentos. A surdez involuntária é uma deficiência grave; a surdez deliberada é um pecado e uma loucura.

Este é um dos principais temas do filme de Alan Parker, Birdy (em português, Asas da Liberdade), que é baseado no romance de William Wharton. Sua declaração principal é a fala descartável perto do final, de que "ninguém mais escuta ninguém". O filme retrata a amizade de dois adolescentes na Filadélfia, Al e Birdy, que floresce apesar da estranha obsessão de Birdy com o voo de pássaros. Convocado para o Vietnã, ambos são atingidos. Al precisa passar por cirurgias em seu rosto desfigurado, enquanto Birdy sofre danos psicológicos. Ele se afunda em um silêncio impenetrável e é internado em um hospital psiquiátrico. Em sua cela, acovarda-se como um pássaro enjaulado, constantemente olhando para a janela com grades, sonhando em escapar. Os dois homens precisam urgentemente do apoio um do outro no rescaldo cruel da guerra, mas não conseguem se comunicar. Finalmente, no entanto, algo acontece e a amizade é restaurada. Mas o pano de fundo para isso é um mundo hostil em que as pessoas estão fora de contato umas com as outras – uma mãe antipática, uma namorada incompreensiva, uma guerra sangrenta e sem sentido e um psicoterapeuta que não tem discernimento e compaixão. Al e Birdy estão agora ouvindo um ao outro novamente, mas eles parecem ser as exceções em um mundo em que "ninguém mais escuta ninguém".

O apelo de Tiago para que sejamos rápidos para ouvir não nos parece algo fácil de seguir. Muitos de nós somos falantes compulsivos, especialmente os pregadores! Preferimos falar a ouvir, dar informações voluntárias a confessar a nossa ignorância, criticar a receber críticas. Mas quem sou eu para dizer essas coisas? Eu mesmo tenho sido um grande infrator nesta área, mais do que todos. Aqui está um exemplo. Pode parecer um pequeno incidente, mas se mostrou formativo para mim. Era segunda-feira de manhã em Londres, a direção da igreja All Souls estava reunida para a nossa reunião semanal e eu estava na condução. Os outros continuavam falando sobre algo que particularmente não me interessava (agora eu nem lembro o que era), e tenho vergonha de dizer que eu estava desligado. De repente, Ted Schroder, que naquela época podia ser descrito sem qualquer injustiça como "um jovem e impetuoso colono da Nova Zelândia", e que agora é um amigo próximo e valioso, deixou escapar: "John, você não está ouvindo!". Eu fiquei corado. Pois ele estava certo, e é intoleravelmente rude não ouvir quando alguém está falando. Além disso, as

tensões que estavam surgindo em nossa equipe naquela época foram em grande parte devido à minha incapacidade de ouvir. Então eu me arrependi, e muitas vezes depois daquilo tenho orado pela graça de ser um melhor ouvinte.

A quem, pois, devemos ouvir? Em primeiro lugar a Deus.

## OUVINDO DEUS

Uma das verdades distintivas sobre o Deus da Bíblia é que ele é um Deus que fala. Ao contrário dos ídolos sem vida que são mudos, o Deus vivo falou e continua a falar. Ídolos têm boca, mas não falam; Deus não tem boca (porque é espírito), mas fala. E, como Deus fala, devemos ouvir. Este é um tema constante no Antigo Testamento em todas as suas três seções principais. Veja o que diz a Lei: “Amem o Senhor, o seu Deus, ouçam a sua voz”.[4] E a literatura sapiencial, nos Escritos: “Quem dera hoje vocês ouvissem a voz do Senhor!”[5]. Há também muitos exemplos nos Profetas. Por exemplo, a “dureza” de coração de Israel, da qual Deus se queixava constantemente a Jeremias, consistia no fato de que Israel era um “povo ímpio, que se recusa a ouvir as minhas palavras”.[6] A tragédia dessa situação é que o que constituiu Israel como um povo especial e distinto foi precisamente o fato de Deus ter falado e chamado o povo. No entanto, Israel não ouviu nem respondeu. O resultado foi juízo: “Quando eu os chamei, não me deram ouvidos; por isso, quando eles me chamarem, também não os ouvirei”[7]. Quase seria possível dizer que o epitáfio gravado na lápide da nação foi: “O Senhor Deus falou ao seu povo, mas eles se recusaram a ouvir”. Então Deus enviou seu Filho, dizendo: “Eles ouvirão meu Filho”. Mas, em vez disso, eles o mataram.

Ainda hoje Deus fala, embora não haja um consenso na Igreja quanto ao modo como ele faz isso. Eu mesmo não acredito que ele nos fala diretamente e de forma audível, como fez, por exemplo, com Abraão[8], com o menino Samuel[9] ou com Saulo de Tarso no caminho de Damasco[10]. Nem devemos alegar que ele se dirige a nós "face a face, como quem fala com seu amigo’,[11]uma vez que esta relação íntima que Deus teve com Moisés foi especificamente dita como sendo única.[12] Com certeza, as ovelhas de Cristo conhecem a voz do Bom Pastor e o seguem,[13] pois isso é essencial para o nosso discipulado. Mas não temos uma

promessa de que a sua voz será audível.

O que dizer, então, sobre as declarações indiretas de Deus por meio dos profetas? Certamente devemos rejeitar qualquer alegação de que hoje existem profetas comparáveis aos profetas bíblicos. Pois eles eram a “boca” de Deus, órgãos especiais de revelação, cujo ensino pertence ao fundamento sobre o qual a Igreja é construída.[14] Pode muito bem ser, no entanto, um dom profético de um tipo secundário, como quando Deus dá a algumas pessoas uma visão especial sobre a sua Palavra e a sua vontade. Mas não devemos atribuir infalibilidade a tais comunicações. Em vez disso, devemos avaliar o caráter e a mensagem daqueles que afirmam falar da parte de Deus.[15]

A principal maneira pela qual Deus nos fala hoje é por meio das Escrituras, como a Igreja em cada geração tem reconhecido. As palavras que Deus falou por meio dos autores bíblicos, palavras que ele, em sua providência, cuidou para que fossem escritas e preservadas, não são uma letra morta. Um dos ministérios especiais do Espírito Santo é fazer com que a Palavra escrita de Deus seja “viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes”[16]. Portanto, nunca devemos separar a Palavra do Espírito nem o Espírito da Palavra, pela simples razão de que a Palavra de Deus é a “espada do Espírito”,[17] a principal arma que ele usa para cumprir seu propósito na vida do seu povo. É essa confiança que nos permite pensar nas Escrituras tanto como um texto escrito quanto como uma mensagem viva. É por isso que Jesus poderia perguntar: “O que está escrito?”,[18] e: “Vocês não leram...?”,[19] enquanto Paulo podia perguntar: “Que diz a Escritura?”,[20] quase personificando-a. Em outras palavras, a Escritura (que significa a Palavra escrita) pode ser lida ou ouvida, e o que ela diz é o que Deus diz por meio dela. Por meio da sua Palavra antiga, Deus se dirige ao mundo moderno. Ele fala por meio daquilo que já falou.

E Deus nos chama a ouvir “o que o Espírito diz às igrejas” por meio da das Escrituras.[21] A tragédia é que ainda hoje, como nos dias do Antigo Testamento, as pessoas muitas vezes não ouvem, não podem ou não querem ouvir Deus. A falha na comunicação entre Deus e nós não é porque Deus está morto ou silencioso, mas porque nós não estamos ouvindo. Se, em uma conversa telefônica, a linha fica muda, nossa primeira conclusão não é que a pessoa no outro lado tenha morrido. Não, sabemos que a linha caiu.

Os cristãos, também, muitas vezes podem perder o contato de Deus. Não é esta a principal causa da estagnação espiritual que às vezes experimentamos? Somos

nós quem paramos de ouvir a voz de Deus. Talvez não tenhamos mais um momento tranquilo em nosso dia para a leitura bíblica e a oração. Ou, se fazemos isso sem pensar, talvez seja mais uma rotina do que uma realidade, porque já não esperamos que Deus fale. Então, precisamos adotar a atitude de Samuel e dizer: "Fala, Senhor, pois o teu servo está ouvindo".[22] Como servos do Senhor, deveríamos ser capazes de dizer: "Ele me acorda manhã após manhã, desperta meu ouvido para escutar como alguém que está sendo ensinado".[23] Devemos imitar Maria de Betânia, que "ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra".[24] É claro, temos de ser tanto ativos como contemplativos, trabalhar e também orar, ser ao mesmo tempo Marta e Maria. Mas será que temos deixado a Marta em nós expulsar a Maria? Temos negligenciado o que Jesus chamou de "boa parte"?[25]

## OUVINDO UM AO OUTRO

Nesta segunda esfera da escuta, o princípio é claro: a comunidade depende da comunicação. Só quando falamos e ouvimos uns aos outros é que os nossos relacionamentos se desenvolvem e amadurecem. Quando paramos de nos ouvir, os relacionamentos desmoronam. O livro de Provérbios dá grande ênfase à necessidade e ao valor da escuta mútua. Por exemplo: "O caminho do insensato parece-lhe justo, mas o sábio ouve os conselhos".[26] Semelhantemente: "Quem ouve a repreensão construtiva terá lugar permanente entre os sábios".[27] De novo: "O coração do que tem discernimento adquire conhecimento; os ouvidos dos sábios saem à sua procura."[28] Eis aqui, pois, exortações para ouvir conselhos, repreensão e instrução, juntamente com a declaração de que aqueles que o fazem são sábios. Além disso, esta necessidade de ouvir se aplica a todas as esferas da vida, incluindo o lar, o local de trabalho, o Estado e a Igreja.

Em primeiro lugar, isso se aplica ao lar. Quase sinto a necessidade de me desculpar por dizer algo tão tradicional, mas as crianças e os jovens precisam ouvir seus pais. "Ouça, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe."[29] O fato é que os pais têm mais experiência e, portanto, geralmente têm mais sabedoria do que seus descendentes tendem a dar-lhes crédito. Mark Twain teve a franqueza de admitir isso. "Quando eu era um garoto de 14 anos", disse ele, "meu pai era tão ignorante que eu mal podia suportar ter o velho por

perto. Mas quando eu cheguei aos vinte e um, fiquei surpreso com o quanto ele tinha aprendido naqueles sete anos!”[30]

Mas se as crianças precisam ouvir seus pais, os pais precisam ser humildes o suficiente para ouvir seus filhos, ou eles nunca vão entender os seus problemas. Afinal, o mundo em que seus filhos estão crescendo é muito diferente do mundo de sua própria juventude. Só a escuta mútua e paciente pode preencher a lacuna entre as gerações.

Em seguida, o marido e a esposa precisam escutar um ao outro. A ruptura do casamento quase sempre é precedida pela ruptura da comunicação. Qualquer que seja o motivo (negligência, fadiga, egocentrismo ou pressão do trabalho), marido e mulher não estão mais dedicando tempo para ouvir um ao outro. Então eles se afastam, e logo começam a aumentar mal-entendidos, suspeitas, queixas e ressentimentos, até que seja tarde demais – embora na verdade nunca seja tarde demais para começar a ouvir novamente.

Em segundo lugar, ouvir é essencial no local de trabalho. Parece que isso é amplamente reconhecido, visto que a arte de ouvir agora está incluída em livros e seminários sobre gestão empresarial. Por exemplo, em A linguagem da escuta eficaz, Arthur Robertson diz que “a escuta eficaz é a habilidade de comunicação número um exigida para o sucesso em sua vida profissional e pessoal”.[31]

Ouvir é especialmente importante em situações de conflito. Sempre que há uma disputa no local de trabalho, é quase certo que ambos os lados têm um pouco de razão. Nenhum dos lados é totalmente egoísta ou totalmente louco. A essência da conciliação, portanto, é conseguir fazer com que cada lado ouça o outro. Somente quando ambos os lados estão dispostos a sentar-se juntos, colocar de lado suas posições pré-concebidas e ouvir, então surge uma possibilidade de reconciliação.

Em terceiro lugar, o mesmo princípio é aplicável ao Estado. Se a democracia é um governo com o consentimento dos governados, então os governados têm de ser ouvidos. Caso contrário, não se pode considerar que deram o seu consentimento. Em 1864, pouco antes do fim da Guerra Civil Americana e antes que o Congresso americano adotasse a Décima Terceira Emenda abolindo a escravidão, Harriet Beecher Stowe entrevistou Abraham Lincoln e escreveu: “Cercada por todos os tipos de reivindicações conflitantes, por traidores, por homens indiferentes e tímidos, por homens dos Estados de Fronteira e dos

Estados Livres, por abolicionistas radicais e conservadores, Lincoln ouviu tudo, pesou as palavras de todos [...]”[32] A vontade de ouvir todas as opiniões diferentes é uma característica indispensável da verdadeira diplomacia.

Em quarto lugar, é verdade na Igreja. A história da Igreja tem sido um registro longo e um tanto sombrio de controvérsias. Normalmente, questões teológicas importantes estão em jogo. Mas, muitas vezes, elas foram exacerbadas por uma falta de vontade ou incapacidade de ouvir. Eu mesmo tenho tentado nunca me envolver num debate teológico sem primeiro ouvir a outra pessoa ou ler o que ele ou ela escreveu, ou de preferência ambos. É claro que o desacordo nem sempre pode ser superado pelo diálogo, mas pelo menos o nosso mal-entendido é diminuído e a nossa integridade é preservada.

Isto é ainda mais verdade no caso de debates entre cristãos evangélicos. Quando nos afastamos, e o nosso único contato é lançar granadas uns contra os outros através de uma zona desmilitarizada, nossa mente acaba criando uma caricatura do “adversário”, com chifres, cascos e cauda! Mas quando nos encontramos, sentamos juntos e começamos a ouvir, torna-se evidente que os nossos oponentes não são demônios, mas seres humanos normais, até mesmo irmãs e irmãos em Cristo. Então a possibilidade de compreensão e respeito mútuos cresce. Mais do que isso: quando ouvimos não apenas o que os outros estão dizendo, mas o que está por trás do que eles estão dizendo, e em particular o que eles estão tão ansiosos para defender, muitas vezes descobrimos que queremos defender a mesma coisa.[33]

Não estou afirmando que tal disciplina é fácil. Longe disso! Ouvir com integridade e paciência os dois lados de um argumento pode nos causar dor mental aguda. Isso envolve interiorizar o debate até que não apenas se perceba, mas se sinta a força de ambas as posições. No entanto, este é outro aspecto da “dupla escuta” que eu defendo nesta série de livros.

Talvez seja especialmente para os pastores que Deus tenha comissionado o ministério da escuta. Dietrich Bonhoeffer escreveu sobre isso com sua percepção habitual:

O primeiro serviço que se deve a outros na comunhão consiste em ouvi-los. Assim como o amor a Deus começa com ouvir a sua Palavra, assim também o

início do amor pelos irmãos está em aprender a escutá-los. O amor de Deus por nós não é só que ele nos dá a sua Palavra, mas também nos dá o seu ouvido. Então é a obra dele que fazemos pelo nosso irmão quando aprendemos a ouvi-lo. Cristãos, especialmente ministros, muitas vezes pensam que sempre precisam contribuir com algo quando estão na companhia de outros, que este é o único serviço que eles têm de prestar. Eles esquecem que ouvir pode ser um serviço maior do que falar...

O cuidado pastoral fraterno distingue-se essencialmente da pregação pelo fato de que, somado à tarefa de falar a Palavra, há a obrigação de ouvir. Há uma espécie de ouvir com meio ouvido que já presume saber o que a outra pessoa tem a dizer. É uma escuta impaciente, desatenta, que despreza o irmão e está apenas esperando uma chance de falar e, assim, se livrar da outra pessoa. Este não é o cumprimento da nossa obrigação [...] Os cristãos se esqueceram de que o ministério da escuta lhes foi confiado por aquele que é ele mesmo o grande ouvinte e cujo trabalho devem partilhar. Devemos ouvir com os ouvidos de Deus para que possamos falar a Palavra de Deus.[34]

## OUVINDO O MUNDO

O mundo contemporâneo certamente está reverberando com gritos de raiva, frustração e dor. Muitas vezes, porém, fazemo-nos de surdos a estas vozes angustiadas.

Primeiro, há a dor daqueles que nunca ouviram o nome de Jesus ou, tendo ouvido falar dele, ainda não vieram a ele. Como alienados e perdidos, estão sofrendo terrivelmente. Nosso hábito como evangélicos é apressar-se com o evangelho, subir em nosso palanque e declamar nossa mensagem sem muita consideração pela situação cultural ou pelas necessidades que as pessoas sentem. Como resultado, mais frequentemente do que gostaríamos de admitir, acabamos afastando as pessoas e até aumentamos a sua alienação, porque a forma como apresentamos Cristo é insensível, desajeitada e até irrelevante. De fato, “quem responde antes de ouvir comete insensatez e passa vergonha”.[35]

É melhor ouvir antes de falar, procurar entrar nos pensamentos e sentimentos dos

outros, lutar para entender suas objeções ao evangelho, e só então compartilhar as boas novas de Jesus Cristo de uma forma que fale às suas necessidades. Essa atividade humilde, minuciosa e desafiadora é justamente chamada de "contextualização". Mas é preciso acrescentar que contextualizar o evangelho não é, de forma alguma, manipulá-lo. O evangelismo autêntico requer a "dupla escuta". Pois as testemunhas cristãs encontram-se entre a Palavra e o mundo, com a obrigação de ouvir ambos, como começamos a ver na introdução. Escutamos a Palavra para descobrir cada vez mais as riquezas de Cristo. E escutamos o mundo para discernir quais das riquezas de Cristo são mais necessárias e como apresentá-las da melhor maneira.

Isso mostra a natureza e o propósito do diálogo inter-religioso. Diálogo não é sinônimo nem substituto para o evangelismo. O diálogo é uma conversa séria na qual estamos preparados para ouvir e aprender, bem como para falar e ensinar. É, portanto, um exercício de integridade. "É uma atividade por direito próprio", escreveu Max Warren. "É, em sua própria essência, uma tentativa de 'escuta' mútua, escutando a fim de se compreender. A compreensão é sua recompensa."[36] Warren sabia do que estava falando, como nos diz em sua autobiografia:

A minha memória mais antiga é a luz de fogo dançante e a minha mãe lendo para mim. Fico olhando para as chamas e ouvindo. Eu devia ter três ou quatro anos de idade... Muito antes de poder ler eu estava aprendendo a ouvir, talvez a lição mais valiosa que eu já aprendi [...] Além disso, a leitura sempre foi para mim uma forma de escuta. Os livros sempre foram "pessoas" para mim, não apenas a pessoa do autor, tanto quanto o próprio livro falando, enquanto eu ouvia.[37]

Segundo, há a dor dos pobres e dos famintos, dos despossuídos e dos oprimidos. Muitos de nós apenas recentemente acordamos para a obrigação que a Escritura sempre impôs ao povo de Deus de se preocupar com a justiça social. Deveríamos estar mais atentos aos gritos e suspiros daqueles que sofrem. Há um versículo da Bíblia que temos negligenciado, e que, por conta disso, talvez devêssemos sublinhar. Ele contém uma palavra solene de Deus para aqueles de seu povo que não têm uma consciência social. Estou falando de Provérbios 21.13: "Quem fecha os ouvidos ao clamor dos pobres também clamará e não terá resposta".

Fazer-se de surdo para alguém outro é sinal de desrespeito. Se nos recusamos a ouvir alguém, estamos dizendo que não consideramos aquela pessoa digna de ser ouvida. Mas há apenas uma pessoa a quem devemos nos recusar a ouvir, alegando que não é digna de ser ouvida: é o diabo, juntamente com seus emissários. Eis a essência da sabedoria: ser um ouvinte perspicaz e criterioso e escolher cuidadosamente a quem escutamos. Falhar nisso foi a loucura dos nossos primeiros pais no jardim do Éden. Em vez de ouvir a verdade de Deus, eles deram credibilidade às mentiras de Satanás. E muitas vezes somos loucos o suficiente para imitá-los!

Mas não devemos ouvir a conversa do diabo, seja mentira ou propaganda, calúnia ou fofoca, sujeira ou insultos. “O homem prudente ignora o insulto.”[38] O mesmo se aplica a cartas anônimas ou comentários on-line. É possível ficar muito chateado com eles, ainda mais que geralmente são rudes. Mas por que levar a sério as críticas de alguém que não tem coragem de revelar sua identidade? Joseph Parker, um ministro de Londres no século 19, estava subindo em seu alto púlpito numa manhã de domingo, quando uma mulher na galeria jogou um pedaço de papel para ele. Ao pegá-lo, descobriu que o papel continha uma única palavra: “Idiota!”. O doutor Parker comentou: “Eu já recebi muitas cartas anônimas na minha vida. Até agora, sempre eram um texto sem assinatura. Hoje, pela primeira vez, recebi uma assinatura sem texto!”

Se nos recusarmos resolutamente a ouvir qualquer coisa que seja falsa, injusta, cruel ou impura, devemos, ao mesmo tempo, ouvir atentamente a instrução e o conselho, a crítica, a reprovação e a correção, juntamente com as opiniões, preocupações, dificuldades e problemas de outras pessoas. Pois, como foi bem dito, “Deus nos deu dois ouvidos, mas apenas uma boca, então ele evidentemente pretende que escutemos o dobro do que falamos”.

Dedicar tempo para ouvir Deus e os nossos semelhantes começa como sinal de cortesia e de respeito, continua como meio de compreensão mútua e de aprofundamento dos relacionamentos e, sobretudo, é um autêntico sinal de humildade e de amor cristãos. Então, “sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se”.

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

Stott diz que Deus “fala por meio daquilo que já falou”. Que diferença fará quando considerarmos a Bíblia como o meio pelo qual Deus fala hoje, bem como o registro do que ele falou no passado?

Pense em sua casa e em seu local de trabalho. Existe algum relacionamento em que você precisa ouvir mais e falar menos?

Pense em um assunto sobre o qual você discorda de outros cristãos. O que está por trás do que eles estão dizendo? O que eles estão ansiosos para defender? Qual é o terreno comum que vocês compartilham?

Pense em um indivíduo ou grupo que você está tentando alcançar para Cristo. O que você poderia fazer para entender mais profundamente seus pensamentos, sentimentos e objeções ao evangelho?

“Quem fecha os ouvidos ao clamor dos pobres também clamará e não terá resposta.”[39] O que significa para você abrir os ouvidos ao pobre?

Você prefere falar ou ouvir? O que isso diz sobre a sua atitude para com Deus? Para com os outros? Qual é a ligação entre ouvir e amar?

CAPÍTULO 2

# MENTE E EMOÇÕES

O DISCIPULADO CRISTÃO ENVOLVE toda a nossa personalidade. Devemos amar o Senhor, nosso Deus, de todo o nosso coração, alma, entendimento e força.[1] Nossa mente deve ser renovada;[2] nossas emoções, purificadas;[3] nossa consciência, conservada limpa;[4] e nossa vontade, entregue a Deus.[5] No entanto, dos vários elementos que compõem a nossa humanidade, são a nossa mente e as nossas emoções que os escritores bíblicos tratam mais plenamente. Então vamos considerar cada um separadamente, e depois os dois, um em relação ao outro.

## A MENTE

Uma história fala de duas mulheres que estavam conversando em um supermercado local. Uma disse à outra: “Qual é o problema com você? Você parece tão preocupada.”

“Eu estou”, respondeu a amiga. “Eu fico pensando sobre a situação no mundo.”

“Bem”, disse a primeira, “tente levar as coisas mais filosoficamente – e pare de pensar!”

É realmente interessante essa ideia de que tornar-se mais filosófico é parar de pensar ou pensar menos. No entanto, essas duas mulheres estavam refletindo o moderno clima anti-intelectual, que deu à luz os gêmeos bizarros da irracionalidade e da insignificância.

Contra essa tendência, precisamos usar a instrução do apóstolo Paulo: “Irmãos,

deixem de pensar como crianças. Com respeito ao mal, sejam crianças; mas, quanto ao modo de pensar, sejam adultos".[6] Ele começa com palavras semelhantes às usadas por uma das mulheres no supermercado: "deixem de pensar". Mas ele continua: "como crianças". É verdade que Jesus nos disse para nos tornarmos como crianças, mas não quis dizer que devemos copiar as crianças em tudo. Da mesma forma, Paulo nos incita a sermos crianças – na verdade, "bebês" – quando se trata do mal (quanto menos engenhosos formos em relação ao mal, melhor). Mas devemos crescer em nosso pensamento, para nos tornarmos maduros. O apelo de Paulo tem por trás a revelação de toda a Bíblia.

Primeiro, um uso responsável da nossa mente glorifica o nosso Criador. Pois ele é (entre outras coisas) um Deus racional, que nos fez à sua própria imagem como seres racionais. Ele nos deu, tanto na natureza quanto nas Escrituras, uma revelação racional. E espera que usemos a nossa mente para investigar o que ele revelou. Toda pesquisa científica é baseada nas convicções de que

o universo é um sistema inteligível, até mesmo cheio de significado;

há uma correspondência fundamental entre a mente do investigador e os dados investigados;

esta correspondência é a racionalidade.

Como resultado, "um cientista confrontado com uma aparente irracionalidade não a aceita como final [...] Ele continua lutando para encontrar alguma maneira racional em que os fatos possam ser relacionados uns aos outros [...] Sem essa fé apaixonada na racionalidade suprema do mundo, a ciência vacilaria, estagnaria e morreria."[7] Portanto, não é por acaso que os pioneiros da revolução científica foram cristãos. Eles acreditavam que o Deus racional tinha estampado sua racionalidade tanto sobre o mundo como sobre eles. Desta forma, todos os cientistas, quer saibam ou não, estão "pensando os pensamentos de Deus", como colocou Johannes Kepler, astrô- nomo alemão do século 17.

Os estudantes conscientes da Bíblia também estão "pensando os pensamentos de Deus". Pois Deus nos deu nas Escrituras uma revelação ainda mais clara e

completa de si mesmo. Ele tem “falado”, comunicando seus pensamentos em palavras. Em particular, ele revelou o seu amor por pecadores como nós e o seu plano para nos salvar por meio de Jesus Cristo.

Se Deus, então, nos criou como seres racionais, como podemos negar essa característica essencial da nossa criação? Se ele se deu ao trabalho de revelar-se, devemos negligenciar a sua revelação? Não, o uso adequado da nossa mente não significa abdicar da nossa responsabilidade e ir dormir, nem proclamar a autonomia da razão humana (como fizeram os líderes do Iluminismo). Não devemos colocar em julgamento os dados da revelação divina, mas sentar-nos em humildade sob eles, para estudar, interpretar, sintetizar e aplicá-los. Só assim podemos glorificar o nosso Criador.

Segundo, um uso responsável da nossa mente enriquece a nossa vida cristã. Não estou pensando agora em áreas como educação, cultura e arte, que melhoram a qualidade da vida humana, mas especificamente no nosso discipulado. Não podemos ser verdadeiros discípulos se sufocarmos a nossa mente. “Olhando para trás sobre minha experiência como pastor por cerca de trinta e quatro anos”, escreveu Martyn Lloyd-Jones, “posso testemunhar sem a menor hesitação que as pessoas que encontrei mais frequentemente com problemas em sua experiência espiritual têm sido aquelas com falta de compreensão. Você não pode separar essas coisas. Vai dar tudo errado tanto na vida como na experiência prática se você não tiver um verdadeiro entendimento”.[8]

Deixe-me ilustrar isso em relação à fé. É incrível como muitas pessoas supõem que a fé e a razão são incompatíveis. Mas nas Escrituras elas nunca são colocadas uma contra a outra. Fé e visão são contrastados,[9] mas não fé e razão. Porque a fé, segundo as Escrituras, não é nem credulidade, nem superstição, nem “uma crença ilógica na ocorrência do improvável”.[10] Em vez disso, a fé é uma confiança tranquila e consciente no Deus que é conhecido por ser confiável. Considere Isaías 26.3-4:

Tu, Senhor, guardarás em perfeita paz

aquele cujo propósito está firme,

porque em ti confia.

Confiem para sempre no Senhor,

pois o Senhor, somente o Senhor, é a Rocha eterna.

Nestes versículos, confiar em Deus e fixar nossa mente firmemente nele são sinônimos. O que torna a confiança nele racional é que ele é uma rocha inabalável, e a recompensa da fé é a paz. É somente refletindo sobre a imutabilidade de Deus que a nossa fé cresce. E quanto mais percebemos quão firme ele é, mais firme nossa fé se torna.

Ou considere a nossa necessidade de orientação divina. Muitas pessoas consideram-na uma alternativa ao pensamento humano, sendo um dispositivo conveniente para poupá-las do incômodo de pensar. Esperam que Deus faça brilhar na mente delas respostas às suas perguntas e soluções para os seus problemas, de uma forma que contorne a sua mente. E é claro que Deus é livre para fazer isso; e talvez ocasionalmente até o faça. Mas a maneira normal de Deus nos guiar é racional, não irracional, usando os próprios processos de pensamento que ele criou em nós.

O Salmo 32 deixa isso claro. O versículo 8 contém uma maravilhosa promessa tríplice de orientação divina, na qual Deus diz: “Eu o instruirei e o ensinarei no caminho que você deve seguir; eu o aconselharei e cuidarei de você” (“guiar-te-ei com os meus olhos”, ARC). Mas como Deus cumprirá sua promessa? O versículo 9 continua: “Não sejam como o cavalo ou o burro, que não têm entendimento mas precisam ser controlados com freios e rédeas, caso contrário não obedecem”. Se juntarmos a promessa e a proibição, o que Deus está nos dizendo é isto: “Prometo que o guiarei e lhe mostrarei o caminho. Mas não espere que eu guie você na forma como as pessoas guiam cavalos e mulas (ou seja, pela força, em vez de através da inteligência). Por quê? Porque você não é nem um cavalo nem uma mula. Para eles falta o ‘entendimento’, mas para você não. De fato, eu mesmo lhe dei o precioso dom de entender. Use-o! Então eu o guiarei através de sua mente”.

Terceiro, um uso responsável de nossa mente fortalece o nosso testemunho evangelístico. O evangelismo moderno é um apelo tanto às emoções como à vontade, sem qualquer reconhecimento comparável da mente. Mas nosso apelo evangelístico nunca deve pedir às pessoas que fechem ou deixem de usar sua

mente. O evangelho requer que humilhemos nossa mente, mas também que ela seja aberta à verdade de Deus.

Essa preocupação com a mente pode ser vista na prática dos apóstolos. Paulo diz à igreja de Corinto que ele havia renunciado à sabedoria do mundo e à retórica dos gregos,[11] mas não renunciou ao conteúdo doutrinário em sua pregação, nem ao uso de argumentos. Em Corinto, Lucas o descreve como discutindo com as pessoas e tentando convencê-las,[12] enquanto em Éfeso ele ensinou e debateu diariamente em uma sala de aula secular por dois anos.[13] É verdade que sua confiança estava no Espírito Santo. Mas, sendo o Espírito da verdade, o Espírito Santo leva as pessoas à fé em Cristo por causa da evidência, e não apesar delas. Há uma necessidade urgente em nossos dias para incluir apologética em nosso evangelismo, isto é, para defender o evangelho, bem como para proclamá-lo. Em todo o nosso evangelismo precisamos ser capazes de declarar, como Paulo fez diante de Festo: "O que estou dizendo é verdadeiro e de bom senso".[14] Além disso, Deus certamente está chamando algumas pessoas em nossa geração, como ele fez no passado, para dedicar seu intelecto dado por Deus para a tarefa de defender e confirmar o evangelho.[15]

Assim, precisamos nos arrepender do culto à irracionalidade, e de qualquer anti-intelectualismo residual ou preguiça intelectual da qual possamos ser culpados. Essas coisas são negativas, limitantes e destrutivas. Insultam a Deus, empobrecem o seu povo e enfraquecem o nosso testemunho. Um uso responsável da nossa mente, por outro lado, glorifica a Deus, enriquece o seu povo e fortalece o nosso testemunho no mundo.

Duas qualificações são necessárias, no entanto, porque existem dois perigosos "ismos" que, se não estivermos alertas, podem resultar desta ênfase na mente, a saber, elitismo e intelectualismo. O elitismo limitaria o pensamento cristão a uma pequena minoria de pessoas com formação universitária. Daria a impressão de que apenas um grupo seleto – até mesmo exclusivo – de intelectuais é capaz de usar a mente. Temos de nos opor ferozmente a essa ideia bizarra. É verdade que os cristãos têm sido os pioneiros da educação, e querem que todos tenham a melhor educação possível para desenvolver seu potencial máximo. Mas a educação formal não é indispensável para o desenvolvimento do pensamento cristão. Pois todos os seres humanos são criados racionais à imagem de Deus e são capazes de aprender a pensar. Uma vez me dirigi a um grupo de clérigos em Liverpool e disse algo sobre a necessidade de usar a mente que recebemos de Deus. Assim que eu terminei, alguém contestou dizendo que eu estava limitando

o cristianismo aos intelectuais e excluindo as classes trabalhadoras, entre as quais ele se encaixava. Eu não precisei responder, pois imediatamente vários trabalhadores do centro da cidade estavam em pé, corados de raiva. “Você está insultando as classes trabalhadoras”, disseram ao primeiro orador. “Eles talvez não tenham tido tanta educação formal como você, mas são igualmente inteligentes e capazes de pensar.” Nossa tarefa, então, é encorajar todo o povo de Deus a pensar, e não meramente a desenvolver uma elite intelectual.

O segundo perigo é o intelectualismo, o encorajamento de um cristianismo que é muito cerebral, e não visceral o suficiente – todo cérebro, sem entranhas. Mas aconselhar alguém a usar a mente não significa exortá-lo a suprimir seus sentimentos. Costumo dizer aos nossos alunos do Instituto de Cristianismo Contemporâneo de Londres que não estamos no negócio de “criar girinos”. Um girino é uma pequena criatura com uma cabeça enorme e nada mais além disso. Certamente há alguns girinos cristãos por aí. A cabeça deles está abarrotada de teologia, mas isso é tudo o que há para eles. Não, estamos preocupados em ajudar as pessoas a desenvolverem não só uma mente cristã, mas também um coração cristão, um espírito cristão, uma consciência cristã e uma vontade cristã, de fato, para se tornarem pessoas cristãs integrais, completamente integradas sob o senhorio de Cristo. Isso incluirá nossas emoções.

O livro de Chaim Potok O Escolhido[16] e o filme baseado nele ilustram isso muito bem. O autor conta a história de dois jovens judeus que foram criados no Brooklyn, Nova York, durante e após a Segunda Guerra Mundial. O pai de Danny Saunders era um rabino hassídico rigoroso, enquanto o pai de Ruevan Malter era um escritor que seguia a tradição judaica liberal. Na amizade dos meninos, essas duas tradições entraram em conflito. Ao longo da maior parte do livro, o rabino Saunders nos surpreende porque, embora fosse uma pessoa muito humana, nunca falava com Danny, exceto quando estava ensinando-lhe o Talmude. Em vez disso, ele mantém entre eles um “silêncio estranho”[17]. Apenas perto do final o mistério é explicado. O rabino Saunders diz que Deus o abençoou com um filho brilhante, um “menino com uma mente como uma joia”. Quando Danny tinha apenas 4 anos, o pai viu o filho lendo um livro e ficou assustado porque ele o “engoliu”. O livro descrevia os sofrimentos de um pobre judeu, mas Danny tinha gostado! “Não havia alma em meu Daniel de quatro anos, havia apenas sua mente. Ele era uma mente em um corpo sem alma.”[18] Então, o rabino clamou a Deus: “O que tu fizeste comigo? Uma mente como esta é que eu preciso para um filho? Um coração eu preciso para um filho, uma alma eu preciso para um filho, compaixão [...] justiça, misericórdia, força para sofrer e

carregar a dor. Isso é o que eu quero do meu filho, não uma mente sem alma!”[19]. Assim, o rabino Saunders seguiu uma antiga tradição hassídica e criou o menino em silêncio, pois, então, “no silêncio entre nós, ele começou a ouvir o mundo chorar”[20]. Na cena final da reconciliação entre pai e filho, o rabino diz que Danny teve de aprender, “por meio da sabedoria e da dor do silêncio, que uma mente sem coração não é nada”.

## AS EMOÇÕES

Os meus leitores provavelmente não suspeitarão que sou uma pessoa emocional. Pois sou um daqueles peixes frios chamados ingleses, descendentes de nórdicos durões e anglo-saxões rudes, sem centelha de fogo celta ou latino no meu sangue. Com essa ascendência, era de se esperar que eu fosse tímido, reservado e até um pouco reprimido. Além disso, fui criado numa escola de elite inglesa que me ensinou a manter-me sempre firme – é a filosofia do “lábio superior rígido”. Uma vez que o tremor do lábio superior é o primeiro sinal visível de emoção, fomos ensinados a mantê-lo rígido. Ensinaram-me as virtudes viris da coragem, da firmeza e da autodisciplina. Se alguma vez sentisse alguma emoção, aprendi como não demonstrá-la. Chorar era só para mulheres e crianças, não para homens.

Mas então fui apresentado a Jesus Cristo. Aprendi, para meu espanto, que Deus – cuja “impassibilidade” eu pensava significar que ele era incapaz de emoção – fala (embora em termos humanos) de sua ira ardente e de seu amor vulnerável.[21] Também descobri que Jesus de Nazaré, o ser humano perfeito, não era um asceta de lábios rígidos e sem emoções. Pelo contrário, aprendi que ele que se voltava contra os hipócritas com raiva, olhava para um jovem rico com amor, podia se alegrar em espírito e suar gotas de sangue em agonia espiritual; era constantemente movido de compaixão, chegando até mesmo a chorar duas vezes em público.

A partir de todas essas evidências, fica claro que nossas emoções não devem ser suprimidas, uma vez que têm um lugar essencial em nossa humanidade e, portanto, em nosso discipulado cristão.

Primeiro, há um lugar para a emoção na experiência espiritual. O Espírito Santo é o Espírito da verdade, como vimos. Mas seu ministério não se limita a iluminar nossa mente e nos ensinar sobre Cristo. Ele também derrama o amor de Deus em nosso coração.[22] Ele dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus, pois nos faz dizer: “Aba, Pai”[23] e exclamar com gratidão: “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos!”[24] Além disso, embora ainda não tenhamos visto Cristo, mesmo assim já o amamos e cremos nele, de modo que podemos exultar “com alegria indizível e gloriosa”.[25]

Há, é claro, muitas variedades de experiência espiritual, e não devemos tentar estereotipá-las. Também não devemos insistir que todos tenham exatamente a mesma experiência. No entanto, todos os cristãos, pelo menos de vez em quando, têm sentimentos de profunda tristeza e de profunda alegria. Por um lado, nós “gememos interiormente”, em solidariedade com a criação caída, sobrecarregados com a nossa própria queda e ansiosos pela nossa redenção final.[26] Por outro, regozijamo-nos no Senhor, transbordantes de gratidão pelo grande amor com que nos amou.

Segundo, há um lugar para a emoção na adoração pública. Vemos em Hebreus 12.22-24 que, quando nos reunimos para a adoração, não chegamos apenas “à igreja”, isto é, a um edifício. Pois já chegamos “ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo”. Chegamos “aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus”. Chegamos “a Deus, juiz de todos os homens, aos espíritos dos justos aperfeiçoados, a Jesus, mediador de uma nova aliança, e ao sangue aspergido, que fala melhor do que o sangue de Abel”. O reconhecimento dessa dimensão cósmica transforma a adoração. Talvez apenas um punhado do povo de Deus se reunirá quando você se encontrar neste domingo, e talvez não haja muita diversidade entre vocês. Mas lembre-se, como diz o Livro de Orações de 1928, que nos reunimos “na presença do Deus todo-poderoso e de toda a companhia celeste”. E no culto de comunhão juntamo-nos com “anjos e arcanjos, e com toda a companhia celeste” em louvor ao nome glorioso de Deus. Somos transportados além de nós mesmos para a realidade eterna e invisível. Somos movidos pelas glórias de que falamos e cantamos, e nos curvamos diante de Deus em adoração humilde e alegre.

Terceiro, há um lugar para a emoção na pregação do evangelho. O apóstolo Paulo usou sua mente, como vimos. Ele creu na verdade de sua mensagem. Ele

levou tempo e teve dificuldades para defender, explicar, argumentar e proclamar a mensagem em sua plenitude. Mas o modo como apresentou todo o plano de Deus nunca foi frio ou árido. Pelo contrário, ele escreveu que Deus “nos confiou a mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus”[27]. Paulo não estava satisfeito com a mera apresentação do evangelho, ele também implorava às pessoas para responder a essa mensagem. À sua exposição sistemática, ele acrescentou um apelo pessoal urgente. E muitas vezes, ele nos diz, sua proclamação era acompanhada de lágrimas.[28]

Alguns pregadores são impecáveis tanto na doutrina quanto na dicção, mas nunca se inclinariam sobre o púlpito com lágrimas nos olhos, implorando que as pessoas se reconciliassem com Deus. Outros se agitam em um frenesi de excitação, implorando por uma decisão, mas nunca fazem uma apresentação cuidadosa e convincente do evangelho. Por que devemos polarizar? O que faz com que o pregador seja autêntico é a combinação da verdade e das lágrimas, da mente e da emoção, da razão e da paixão, da exposição e do apelo. O doutor Lloyd-Jones perguntou: “O que é a pregação?” E ele mesmo respondeu a sua pergunta. “Lógica em chamas! Razão eloquente! Essas são contraditórias? É claro que não são! A razão relativa a esta Verdade deve ser poderosamente eloquente [...] A pregação é teologia vindo por meio de um homem que está em chamas.”[29]

Quarto, há um lugar para a emoção no ministério social e pastoral. Nisto, como em todas as coisas, o próprio Jesus é o nosso modelo perfeito. É só vê-lo na sepultura de Lázaro, face a face com a realidade da morte. De acordo com as Escrituras, a morte é uma intrusão estranha no mundo bom criado por Deus e não fazia parte nem do seu propósito original nem do final. A Bíblia chama a morte de “inimigo”, na verdade, é o “último inimigo a ser destruído”[30]. Como, então, Jesus reagirá quando confrontado com este arqui-inimigo de Deus e da raça humana? Reagiu, surpreendentemente, com duas emoções violentas.

Primeiro, ele foi movido pela raiva ou indignação. Em João 11.33,38 lemos que ele “agitou-se”, “moveu-se” (ARC) ou “ficou muito comovido” (NTLH). O verbo grego enebrimēsato (v. 33) significa que ele “bufou”; a palavra é usada literalmente para cavalos e metaforicamente para expressar indignação.[31] K. Barrett, em seu comentário sobre João 11, escreve: “É inquestionável que embrimasthai implica raiva”. B. B. Warfield foi ainda mais longe: “O que João

nos diz [...] é que Jesus se aproximou do túmulo de Lázaro em um estado não de tristeza incontrolável, mas de raiva irreprimível". Por quê? Porque ele viu "o mal da morte, a sua antinaturalidade, a sua 'tirania violenta', como Calvino expõe". Ele "arde de raiva contra o opressor dos homens [...] A fúria apodera-se dele; todo o seu ser está desorientado e perturbado [...] A morte é que é o objeto de sua ira e, por trás da morte, aquele que tem o poder da morte, a quem ele veio ao mundo para destruir"[32].

Então somos informados de uma segunda resposta emocional de Jesus, ou seja, tristeza e compaixão. Em sete ocasiões separadas nos Evangelhos, Jesus foi movido por compaixão. Ele sente compaixão, por exemplo, das multidões famintas e sem liderança, da viúva de Naim, dos leprosos e de um mendigo cego. E em João 11 lemos que "Jesus chorou" (v. 35) – agora não eram lágrimas de raiva em face da morte, mas lágrimas de simpatia pelas irmãs enlutadas. Não é belo ver Jesus, diante da morte e do luto, tão comovido? Ele sentiu indignação diante da morte e, também, compaixão para com suas vítimas. Primeiro, ele "bufou" (v. 33) e então ele chorou (v. 35).

Falando pessoalmente, anseio ver mais ira cristã contra o mal no mundo e mais compaixão cristã por suas vítimas. Pensem na injustiça social e na tirania política, no assassinato insensível de fetos humanos no útero como se fossem apenas pedaços de tecido, ou na cínica maldade dos traficantes de drogas e na indústria pornográfica que fazem fortuna com as fraquezas dos outros e à custa da sua ruína. Visto que esses e muitos outros males são odiados por Deus, não deveria o seu povo reagir contra eles com ira? E quanto às vítimas do mal – os pobres, os famintos e os desabrigados, as crianças de rua abandonadas por seus pais, os fetos em risco em uma sociedade egoísta, os prisioneiros torturados de consciência e os alienados e perdidos que nunca ouviram o evangelho? Onde está o nosso sentimento de indignação? Onde está a compaixão de Jesus, que se expressará em ação prática em favor daqueles que sofrem?

Não sei quanta educação cristã Bob Geldof teve, mas a sua consciência social e o seu impulso envergonham muitos de nós cristãos. O que aconteceu, então, para transformar o "desleixado cantor pop irlandês" em "São Bob", o herói cult que alertou o mundo para o holocausto da fome na África? Assistindo a uma reportagem na televisão sobre a fome na Etiópia, no final de 1984, ele experimentou o que se poderia chamar de uma "conversão secular". As pessoas que ele viu na tela da TV eram tão "encolhidas pela fome que pareciam seres de outro planeta"[33]. "Fiquei indignado, enfurecido e revoltado", disse ele, "mas

mais do que tudo isso, senti profunda vergonha”[34]. A partir daquela experiência vieram o Band Aid e o Live Aid, além de outras iniciativas, que levantaram muitos milhões em dinheiro. O que o levou a fazer isso? Foi uma combinação de “compaixão e indignação”[35].

## MENTE E EMOÇÕES

Até agora olhamos para o nosso intelecto e para as nossas emoções separadamente, e vimos que ambos têm um lugar indispensável no nosso discipulado cristão. Não devemos ser cristãos tão emocionais que nunca pensamos, nem cristãos tão intelectuais que nunca tenhamos sentimentos. Não, Deus nos fez seres humanos, e os seres humanos são criados tanto racionais quanto emocionais.

Mas como é que a nossa mente e as nossas emoções estão relacionadas umas com as outras? Há duas relações particulares que a Escritura enfatiza, e nelas a mente exerce o papel primário. Eles também são complementares, em que o primeiro é negativo, e o segundo é positivo.

Primeiro e negativamente, a mente controla as emoções, ou deveria fazê-lo. Sempre houve quem fizesse campanha pela expressão irrestrita das emoções humanas. Baco, por exemplo, a quem os gregos identificavam com Dionísio, era adorado em orgias regadas a vinho, dança e sexo. O freudismo popular, que não compreendeu inteiramente o que Freud quis dizer com repressão, ensinou o perigo de suprimir nossas emoções. E algumas formas de existencialismo acrescentaram ímpeto a essas ideias, exortando-nos a encontrar a nossa autenticidade em ser e expressar a nós mesmos.

Mas, como cristãos, não podemos seguir esse ensinamento e dar livre curso às nossas emoções. Afinal, todo o nosso aspecto humano foi contaminado e distorcido pelo pecado herdado, e isso inclui as nossas emoções. Elas são ambíguas porque nós somos ambíguos. Alguns são bons, mas outros maus, e temos de aprender a discerni-los.

Pense na raiva ou na ira. A instrução “Quando vocês ficarem irados, não

pequem”[36] reconhece que existem dois tipos diferentes de ira. Há uma ira justa, como o próprio Deus sente em relação ao mal. E há uma ira injusta (contaminada pelo orgulho, inveja, malícia, rancor e vingança) que é uma das “obras da carne”[37]. Além disso, quando sentimentos de ira surgirem dentro de nós, seria tolice dar vazão a eles sem pensar direito. Em vez disso, devemos dizer a nós mesmos: “Espere um minuto! Que raiva é essa que está começando a queimar dentro de mim? É uma ira justa ou injusta? É ira contra o mal, ou apenas orgulho ferido?”

Ou pense no amor. O que devemos dizer a um homem casado que confessa ter se apaixonado por outra mulher, que diz não conseguir se conter, que afirma que esse sentimento é “de verdade” e que, por isso, deve se divorciar de sua esposa? Acho que nós teríamos de dizer: “Espere um minuto! Você não é uma vítima indefesa de suas emoções. Você aceitou um compromisso para o resto da vida com sua esposa. Você deve (e pode) colocar essa outra mulher fora de sua mente”.

Nestes dois exemplos, o da ira e o do amor, há um reconhecimento de que ambas as emoções podem ser contaminadas com o egocentrismo e que nunca devemos ceder à ira ou ao amor sem primeiro nos fazer algumas perguntas para avaliar a situação. Em ambos os casos, a mente deve ficar alerta quanto às emoções.

Segundo e positivamente, a mente estimula as emoções. Quando refletimos sobre a verdade, o nosso coração pega fogo. Pense nos discípulos de Emaús, na tarde do dia da Páscoa. O Senhor ressurreto se juntou a eles em sua caminhada e, a partir das Escrituras, explicou-lhes como o Messias tinha de sofrer antes de entrar em sua glória. Mais tarde, depois que ele os deixou, eles disseram uns aos outros: "Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as

Escrituras?“[38] Este ardor interior do coração é uma experiência emocional profunda, mas foi o ensinamento bíblico de Jesus que o motivou. Nada põe o coração em chamas como novas visões da verdade. Como F. W. Faber disse:”Teologia profunda é o melhor combustível de devoção; prontamente pega fogo, e uma vez acesa, queima por muito tempo"[39].

Ou considere a conhecida declaração de Paulo de que “o amor de Cristo nos constrange”[40]. Literalmente, ele “nos domina” (NAA) ou “não nos deixa escolha”, de modo que devemos viver a nossa vida para ele. Mas como o amor

de Cristo nos constrange ou nos domina? Será que estamos emocionalmente oprimidos aos pés da cruz? Sim e não! Sim, no sentido de que não temos como contemplar a cruz sem ser movidos por ela. Mas também não, se supormos que nossa mente não participa do processo. Pois o que Paulo escreve é que “o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que [...]” É por meio de certas convicções que o amor de Cristo reforça o seu domínio. Em resumo, nós recebemos a nossa vida do Cristo crucificado e ressurreto, e por isso percebemos que devemos viver essa vida para ele. Quando refletimos sobre essa lógica, então o fogo do amor dentro de nós é atiçado em chamas.

Mais um exemplo. Na área da responsabilidade social, é essencial tanto pensar como sentir profundamente. É necessária uma análise fria da injustiça, desde que isso conduza à ira ardente e à ação.

É importante, então, manter nossa mente e nossas emoções juntas, permitindo que nossa mente controle e estimule nossas emoções. Eu acho que foi o bispo Handley Moule, há pouco mais de um século, que deu este bom conselho: “Cuidado com a teologia não devocional (ou seja, mente sem coração) e com uma devoção não teológica (isto é, coração sem mente)”.

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

Que ímpeto o cristianismo fornece para a ciência e para a investigação científica?

Qual é a relação entre a razão e a fé?

De que maneiras você glorifica a Deus usando a sua mente?

Há lugar para a emoção na experiência espiritual, na adoração pública, na pregação do evangelho (ou evangelismo pessoal), no ministério social e pastoral. Existe uma área em sua vida em que a emoção esteja faltando?

Stott diz que a mente deve controlar as emoções. Você pode pensar em exemplos

de emoções que controlam a mente? Quais foram as causas e os resultados disso?

Qual é o seu maior perigo: teologia não devocional (mente sem coração) ou devoção não teológica (coração sem mente)? Como pode evitar este perigo?

## CAPÍTULO 3

# ORIENTAÇÃO, VOCAÇÃO E MINISTÉRIO

SE DEUS tem um propósito para a vida de seu povo, e se seu propósito pode ser descoberto, então nada poderia ser mais importante do que procurar discernir e descobrir esse propósito. Esta certamente era a expectativa do apóstolo Paulo.

"Somos criação de Deus", ele afirmou, "realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos"[1]. Se, portanto, há boas obras que Deus projetou para nós, presumivelmente já antes de nascermos, certamente devemos descobrir quais são elas. Não é de se estranhar que Paulo tenha escrito mais tarde na mesma carta: "Não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor"[2].

Na sua Carta ao Colossenses, Paulo também orou a Deus para que eles fossem "cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual"[3]. Ele lhes disse que Epafras estava "sempre batalhando [por eles] em oração, para que, como pessoas maduras e plenamente convictas, continuem firmes em toda a vontade de Deus"[4].

Sempre que falamos em descobrir a vontade de Deus para a nossa vida, três palavras quase sempre surgem de imediato na conversa: "orientação", "vocação" e "ministério". Cada palavra tem um significado distinto. "Orientação" implica que Deus está disposto a nos dirigir, "vocação" mostra que ele nos chama e "ministério" diz que ele quer que coloquemos nossa vida ao seu serviço. O que é comum a todos os três conceitos é que a iniciativa é de Deus. E cada um tem um aspecto geral (que se aplica igualmente a todos nós) e um particular (que é diferente para cada um de nós). Isso ficará mais claro à medida que avançarmos.

# ORIENTAÇÃO

Às vezes dizemos com um suspiro: “Se eu tivesse dez vidas...” Existe um mito de que os gatos têm sete, mas nós, seres humanos, temos apenas uma, e não podemos fazer cópias ou réplicas de nós mesmos. Daí a nossa urgente necessidade de descobrir a vontade de Deus para a única vida que ele nos deu.

Mas antes de estarmos em posição de descobrir a vontade de Deus, é essencial fazer uma distinção entre a sua vontade “geral” e a sua vontade “particular”. A vontade geral de Deus é assim chamada porque é a sua vontade para todo o seu povo em geral. É o mesmo para todos nós, em todos os lugares e em todas as épocas. A vontade particular de Deus é assim chamada, no entanto, porque é a sua vontade para pessoas em particular, em lugares e em épocas em particular. Sua vontade geral é que devemos ser “conformes à imagem de seu Filho”[5]. A semelhança com Cristo é a vontade de Deus para todos nós e não varia de discípulo para discípulo. Sua vontade particular, por outro lado, diz respeito a questões como a escolha de um trabalho e de um parceiro para a vida, bem como o modo como devemos gastar nossa energia, nosso tempo, nosso dinheiro e nossos dias de descanso. Essas coisas serão diferentes para cada um de nós. Precisamos manter essa distinção entre o “geral” e o “particular” quando pensamos em como podemos descobrir a vontade de Deus. Sua vontade geral foi revelada nas Escrituras. Não quer dizer que a Escritura contenha soluções mágicas para os complexos problemas éticos modernos, mas ela contém princípios que podem ser aplicados a eles. De um modo geral, é correto dizer que a vontade de Deus para o povo de Deus está na Palavra de Deus.

No entanto, a vontade particular de Deus não será encontrada nas Escrituras. Não posso negar que, ocasionalmente, parece que Deus guiou indivíduos por meio de um versículo específico arrancado de seu contexto. Mas devo acrescentar que o fez apenas para satisfazer a nossa fraqueza. Pois a Escritura não é uma antologia de textos sem relação alguma, mas uma revelação cumulativa e histórica. Não temos liberdade para ignorar o seu significado original, a fim de fazê-la falar conosco. O que a Bíblia contém, no entanto, são princípios que são relevantes para questões particulares. Considere, por exemplo, o casamento. A Escritura nos dá uma orientação geral e resolve algumas questões com antecedência. Ela nos diz que o casamento é o bom propósito de Deus para os seres humanos e que continuar solteiro é a exceção, não a regra.

Ela nos diz que um de seus principais propósitos na instituição do casamento é o companheirismo, de modo que esta é uma qualidade importante para procurar em um cônjuge. Ela nos diz que um cristão só pode se casar com um companheiro cristão, e que o casamento (como um compromisso eterno, amoroso, monogâmico e heterossexual) é o único contexto ordenado por Deus para a relação sexual. Estas diretrizes gerais estão claramente estabelecidas na Bíblia. Mas a Bíblia não dirá a nenhum indivíduo se Deus o está chamando para casar ou permanecer solteiro, ou (no caso de se casar) quem deve ser seu cônjuge.

Como então devemos descobrir a vontade particular de Deus, se ele não a revela nas Escrituras? Uma vez que Deus é soberano e livre, não creio que tenhamos a liberdade de padronizar a nossa resposta como algo de tamanho único que sirva para todos. Mas descobri que as cinco palavras a seguir são guias seguros.

Primeiro, ceda. A palavra lembra aquele sinal de trânsito com um triângulo, orientando o motorista a ceder a vez ou dar preferência. Da mesma forma, devemos ceder ao propósito de Deus, ou dar a ele a preferência. Uma vontade insubmissa é o mais sério de todos os obstáculos para descobrir a vontade de Deus. Se Deus não revela a sua verdade para aqueles que não estão dispostos a crer nela, também não revela a sua vontade para aqueles que não querem crer. Ele “conduz os humildes na justiça e lhes ensina o seu caminho”[6].

Em segundo lugar, ore. Uma submissão vaga não é suficiente; por isso é necessária uma oração contínua e esperançosa. “Peçam, e lhes será dado”, ensinou Jesus. Tiago acrescentou: “Vocês [...] não têm, porque não pedem”[7]. Nosso Pai celestial não mima os seus filhos. Ele não nos revela a sua vontade a menos que realmente queiramos conhecê-lo e expressemos esse desejo em nossas orações.

Terceiro, fale. Embora um dos pontos fortes do cristianismo protestante seja a insistência no “direito de juízo privado”, não devemos imaginar que isso signifique que devemos tomar todas as nossas decisões sozinhos. Pelo contrário, Deus nos deu uns aos outros na sua família. Portanto, precisamos ser humildes o suficiente para falar com os outros, incluindo nossos pais, a fim de buscar seus conselhos, pois “a sabedoria está com os que tomam conselho”[8]. Que as nossas decisões sejam tomadas em grupo, com responsabilidade na rica comunhão em que Deus nos colocou.

Quarto, pense. Embora devamos ceder, orar e pedir conselhos, em última análise, temos de tomar nossas próprias decisões. Como vimos no capítulo anterior, Deus equilibra suas promessas de orientação com sua proibição de agirmos "como o cavalo e o burro, que não têm entendimento"[9]. Não devemos esperar que ele cumpra suas promessas para nos guiar, usando "freio e cabresto" (ou seja, força) ou nos dando palpites irracionais. Em vez disso, devemos esperar que ele nos guie por meio da mente que ele nos deu, pesando cuidadosamente os prós e os contras.

Quinto, espere. É um erro ter pressa ou ficar impaciente com Deus. Entre a promessa feita a Abraão e o seu cumprimento no nascimento de Cristo se passaram cerca de 2 mil anos. Foram oitenta anos na preparação de Moisés para sua obra de vida. São necessários cerca de 25 anos para que um ser humano se torne maduro. Então, se precisamos tomar uma decisão tendo um prazo determinado, devemos fazê-lo. Mas se não, e se o caminho a seguir ainda é incerto, é mais sábio esperar. Acho que Deus nos diz o mesmo que disse a José e a Maria quando os enviou ao Egito com o menino Jesus: "Fique lá até que eu lhe diga"[10]. Na minha experiência, mais erros são cometidos por ação precipitada do que por procrastinação.

## VOCAÇÃO

"Vocação" é uma das muitas palavras bíblicas que, ao longo dos anos, teve seu significado alterado e foi perdendo o valor. No uso popular, refere-se ao nosso trabalho ou carreira. "Qual é a sua vocação?" é uma maneira bastante grandiosa de perguntar a alguém qual é o seu trabalho, e "formação vocacional" significa formação para um determinado ofício. No uso bíblico, porém, a vocação tem uma conotação muito mais ampla e nobre. Sua ênfase não é sobre o humano (o que fazemos), mas sobre o divino (o que Deus nos chamou para fazer). "Vocação" vem da palavra latina para "chamado".

No Novo Testamento, o verbo grego para "chamar" ocorre cerca de 150 vezes e, na maioria dos casos, refere-se a Deus chamando os seres humanos. No Antigo Testamento, Deus chamou Moisés, Samuel e os profetas; no Novo Testamento, Jesus chamou os Doze e mais tarde Saulo de Tarso. Hoje, embora não sejamos

profetas nem apóstolos, ele ainda nos chama ao seu serviço. É maravilhoso o fato de que Deus se importa conosco o suficiente para nos chamar pessoal e individualmente. Em consequência, Deus é aquele que nos chamou,[11] e nós somos aqueles que “foram chamados de acordo com o seu propósito”[12].

A questão que precisamos abordar é esta: para que Deus nos chama, segundo a Escritura? Qual é a nossa vocação divina? Para responder a esta pergunta, temos de fazer uma distinção semelhante à que fizemos com “orientação”, ou seja, entre o nosso chamado “geral” e o nosso chamado “particular”. Nosso chamado geral é o de todo o povo de Deus e, portanto, é o mesmo. Nosso chamado particular é o de cada um de nós e, portanto, é diferente. Todos nós participamos do mesmo chamado geral de Deus, mas cada um recebeu um chamado particular diferente de Deus.

O chamado geral de Deus para nós não é tanto para fazer algo (um trabalho), mas para ser algo (uma pessoa). Embora Deus nos chame para tarefas diferentes, como veremos em breve, ele primeiro nos chama para algo ainda mais significativo, ou seja, para ser um discípulo de Jesus Cristo, para viver uma nova vida em sua nova sociedade e no mundo. Então, se alguém nos perguntar: “Qual é o seu chamado?”, nossa primeira e correta resposta deve ser: “Eu sou chamado para pertencer a Jesus Cristo”[13]. De fato, somos chamados a abraçar e desfrutar de todas as bênçãos que Deus tem encerrado em Jesus Cristo: “Para isso vocês foram chamados, para receberem bênção por herança”[14]. O que, então, é essa bênção? Ela tem muitos aspectos.

Em primeiro lugar, nós somos chamados à comunhão com Jesus Cristo. Isto é básico. Seu convite ainda é “venha a mim” e “Siga-me”. Pois Deus “os chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”[15]. Assim como Cristo chamou os Doze para estarem com ele,[16] assim ele nos chama para conhecê-lo e desfrutar da sua comunhão. A vida eterna é conhecer a Deus e a seu Cristo,[17] e nada pode tomar o lugar deste relacionamento fundamental com ele.

Em segundo lugar, somos chamados à liberdade. Paulo escreveu aos gálatas: “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade”[18]. O tipo de liberdade a que o apóstolo estava se referindo aqui é a liberdade da condenação da lei por meio do perdão de Deus e da aceitação em Cristo. É a liberdade da culpa e de uma consciência culpada, a liberdade para ter acesso a Deus como seus filhos e filhas adotivos. No entanto, isso não quer dizer liberdade para o pecado ou estarem livres de responsabilidades sociais. Pelo contrário, Paulo prossegue: “Mas não

usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam [literalmente,"sejam escravos"] uns aos outros mediante o amor". É o paradoxo que já vimos antes: é somente servindo que nos tornamos livres.

Em terceiro lugar, somos chamados à paz. "Que a paz de Cristo seja o juiz em seu coração, visto que vocês foram chamados para viver em paz, como membros de um só corpo."[19] A referência a "um só corpo" nos dá a pista para o que Paulo quis dizer. Ele está se referindo aqui não à paz de espírito, coração ou consciência, mas à paz (shalom) da reconciliação de uns para com os outros na comunidade do reino de Cristo. Nosso chamado é para pertencer não só a Cristo, mas também ao povo de Cristo.

Em quarto lugar, somos chamados à santidade[20], ou "chamados para [ser] santos"[21]. Como o próprio Deus é santo, ele também nos chama para sermos santos.[22] Infelizmente, "santidade" sugere a muitos uma falsa imagem de desapego piedoso, pessoas com uma vida monótona e olhares vagos, que se desligaram desta vida. Mas a verdadeira santidade é uma semelhança de Cristo que é vivida no mundo real.

Quinto, nós somos chamados ao testemunho. "Vocês, porém, são [...] povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz."[23] Pedro está contrastando o que éramos com o que somos agora. Estávamos em trevas, mas agora estamos na luz. Nós não éramos um povo, mas agora somos o povo de Deus. Nós não tínhamos recebido misericórdia, mas agora sim. A dedução lógica é que não podemos manter essas bênçãos para nós mesmos. Tendo sido chamados à luz de Deus, somos inevitavelmente chamados a deixar a nossa luz brilhar.

Em sexto lugar, somos chamados ao sofrimento. "Se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus. Para isso vocês foram chamados [...]"[24] Pedro estava escrevendo num momento em que a hostilidade de Nero aos cristãos crescia e as nuvens tempestuosas da perseguição aumentavam ameaçadoramente no horizonte. A qualquer momento a tempestade poderia cair. Como, então, os cristãos devem reagir quando sofrem injustamente? A resposta de Pedro foi simples. Eles foram chamados a seguir o exemplo de Cristo de não revidar. É um choque para muitas pessoas o fato de que o sofrimento injusto é uma parte inevitável do chamado cristão. Mas o próprio Jesus nos advertiu sobre isso. "Se o mundo os odeia, tenham em mente que antes me odiou [...] Se me perseguiram, também perseguirão vocês."[25]

Sétimo, somos chamados para a glória. O chamado cristão é um “chamado celestial”[26]. “O Deus de toda a graça, que os chamou para a sua glória eterna em Cristo Jesus, depois de terem sofrido durante pouco de tempo, os restaurará, os confirmará, lhes dará forças e os porá sobre firmes alicerces.”[27] O sofrimento e a glória estão constantemente relacionados no Novo Testamento. Foi por meio do sofrimento que Jesus entrou em sua glória, e assim também será conosco. Se participarmos do sofrimento de Cristo, também participaremos da sua glória.[28] Assim, o chamado de Deus não é apenas para esta vida; é também para passar a eternidade com ele no novo universo.

Aqui, então, temos sete aspectos do chamado geral de Deus. Ele chama todos nós à comunhão com Cristo, à liberdade, à paz, à santidade, ao testemunho, ao sofrimento e à glória. De maneira mais simples, é um chamado para pertencer a Cristo aqui e na eternidade, a amar uns aos outros na paz da sua nova comunidade, e a servir, testemunhar e sofrer no mundo. Este é o significado fundamental da “vocação cristã”. É o mesmo chamado para todos nós, e somos exortados a viver “de maneira digna da vocação” que recebemos[29].

Se o nosso chamado geral (que é o mesmo para todos nós) é para ser livre, santo e semelhante a Cristo, o nosso chamado particular (que é diferente para cada um de nós) se relaciona com os detalhes individuais da nossa vida. Considere o ensinamento de Paulo: “Cada um deve permanecer na condição [literalmente,”no chamado“] em que foi chamado por Deus”[30]. Podemos notar de uma só vez os dois sentidos em que o apóstolo usa a noção de “chamado”. As palavras “em que foi chamado por Deus” referem-se à conversão de uma pessoa quando o chamado geral de Deus é ouvido e obedecido. A “condição” (o “chamado”) “na” qual a pessoa estava, por outro lado, é uma referência ao chamado particular no momento de sua conversão. Esta situação é considerada como algo para o qual Deus nos “chamou” e algo que Deus nos “designou”.[31] E o princípio geral que o apóstolo estabelece, repetindo-o três vezes,[32] é que devemos permanecer em tal condição. Ele dá três exemplos: nossa situação doméstica (casados ou solteiros), nossa situação cultural (judeus ou gentios) e nossa situação social (escravos ou livres). Para compreender o ensinamento de Paulo, precisamos analisar o contexto. Parece que os coríntios convertidos encontraram a vida em Cristo tão excitante e nova (a “nova criação”)[33], e tão radicalmente diferente de seu estado não regenerado, que imaginaram que nada que pertencia à sua vida antiga poderia ser mantido; tudo teria de ser rejeitado.

Tomemos o exemplo do casamento. Agora que pertenciam a Cristo, parece que

se perguntavam como uma obrigação contratual anterior à conversão poderia ainda ser válida após a conversão. Tal relacionamento não seria "impuro"[34]? Paulo responde: "Não". Por que não? Porque a providência de Deus abrange a vida tanto antes como depois da conversão. O casamento, embora celebrado antes de se tornarem cristãos, era uma parte do "chamado" em que eles estavam quando Deus os chamou. Então eles não estavam livres para rejeitá-lo. Transformá-lo pela graça de Deus, sim; rejeitá-lo, não.

Temos de ser muito cautelosos na aplicação desse ensino para nós mesmos. Paulo está estabelecendo uma regra geral, não uma regra absoluta. Por exemplo, ele mesmo não continuou sendo fariseu quando chamado para ser um apóstolo de Cristo. Da mesma forma, os Doze tinham desistido de suas tarefas como pescadores ou cobradores de impostos quando chamados para se tornarem apóstolos. E Paulo diz aqui que, se um escravo conseguisse conquistar sua liberdade, deveria fazê-lo.[35] Nós também precisamos estar abertos à possibilidade de que Deus está nos chamando para algo diferente. Paulo estava se opondo a ações impensadas e imprudentes, mudar por mudar, especialmente considerando a noção de que, antes da conversão e fora da religião, nada tem valor algum para Deus.

Da Escritura vamos para a história, analisando os ensinamentos dos reformadores e dos puritanos. Os reformadores insistiram que todo cristão tem um "chamado" divino. Eles estavam reagindo contra o ensinamento do catolicismo medieval, que dizia que bispos, padres, monges e freiras tinham um chamado superior, porque era um chamado "religioso". Os reformadores rejeitaram isso tanto como sendo "clericalismo" (separando o clero dos leigos) como sendo "dualismo" (separando atividades "sagradas", como a oração, de atividades "seculares", como administrar uma casa ou trabalhar para ter o sustento). Afirmavam que Deus está interessado na vida como um todo. Ser fazendeiro, artesão, magistrado ou dona de casa era tanto um chamado divino quanto ser um "padre" ou "pastor". Martinho Lutero disse:

Aqueles que agora são chamados de "espirituais", isto é, sacerdotes, bispos ou papas, não são diferentes dos outros cristãos, nem superiores a eles, exceto que eles são encarregados da administração da Palavra de Deus e dos sacramentos, que é o seu trabalho e ofício.

Mas “alfaiates, sapateiros, pedreiros, carpinteiros, cozinheiros, estalajadeiros, agricultores e todos os artesãos temporais” também foram “consagrados” como sacerdotes, cada um para “o trabalho e ofício de seu negócio”.

Além disso, cada um deve beneficiar e servir todos os outros por meio de seu próprio trabalho ou ofício, de modo que, desta forma, muitos tipos de trabalho podem ser feitos para o bem-estar corporal e espiritual da comunidade, assim como todos os membros do corpo servem uns aos outros (1 Coríntios 12.14-26).[36]

Mais uma vez: “Servir a Deus não está ligado a uma ou duas obras, nem está confinado a um ou dois chamados, mas é distribuído por todas as obras e todos os chamados”[37]. “Mas o que eu quero fazer é manter uma distinção entre os chamados e ofícios, para que cada um possa ver para que Deus o chamou e cumprir os deveres de seu ofício com fidelidade e sinceridade no serviço de Deus.”[38]

O ensino de Calvino foi semelhante:

O Senhor ordena que cada um de nós, em todas as ações da vida, olhe para o seu chamado [...] Portanto, para que, por meio da nossa estupidez e precipitação, tudo não fique confuso, ele designou funções para cada homem em seu modo de vida particular. E para que ninguém possa descuidadamente transgredir seus limites, nomeou esses vários tipos de vida de “chamados”. Portanto, cada indivíduo tem seu próprio tipo de vida atribuído a ele pelo Senhor como uma espécie de posto de sentinela para que não possa vagar desatentamente ao longo da vida [...] Disso surgirá também uma consolação singular: que nenhuma tarefa será tão sórdida e desprezível, desde que você obedeça à sua vocação, que não venha a resplandecer e seja considerada muito preciosa aos olhos de Deus.[39]

Os puritanos desenvolveram esse tema ainda mais. William Perkins, por exemplo, que tinha um ministério muito influente em Cambridge, escreveu Um tratado sobre as vocações ou chamados dos homens (publicado em 1603). Aqui está uma amostra de seu argumento:

A ação de um pastor em guardar ovelhas [...] é tão boa obra diante de Deus como é a ação de um juiz em dar sentença, ou de um magistrado em governar, ou de um ministro em sua pregação. Assim, então, vemos que há uma boa razão pela qual iríamos procurar como cada homem deveria usar corretamente o seu chamado particular.[40]

Um século mais tarde, e do outro lado do Atlântico, Cotton Mather, o puritano de Harvard, escreveu Um Cristão em Seu Chamado (1701). Ali ele ensinava que todo cristão tem dois chamados: “um chamado geral” (“servir o Senhor Jesus Cristo”) e “um chamado pessoal” (“um emprego particular pelo qual sua utilidade em sua vizinhança seja evidente”).[41] Estes dois chamados devem ser perseguidos em equilíbrio. Pois “um cristão em seus dois chamados é um homem em um barco remando para o céu [...] Se ele cuidar apenas de um de seus chamados, seja qual for, ele vai puxar o remo só de um lado do barco, e vai apenas ficar à margem da eterna bem-aventurança”[42].

Seria fácil criticar esse tipo de ensino. Os reformadores e os puritanos eram pessoas de seu tempo e cultura, como nós somos dos nossos. Eles tinham uma visão estática e medieval da sociedade. Em sua reação contra os tons revolucionários de alguns ensinamentos anabatistas, eles tendiam a ser muito resistentes à mudança. Às vezes chegavam perto do verso embaraçoso no hino “All Things Bright and Beautiful [Todas as coisas brilhantes e bonitas]”:

O homem rico em seu castelo,

O homem pobre em seu portão,

Deus os fez, altivos ou humildes,

e ordenou-lhes tal situação.

Certamente não devemos usar o ensinamento bíblico sobre os “chamados” para resistir à mudança social.

Paulo no primeiro século, os reformadores no século 16 e os puritanos no século 17 – todos parecem muito distantes de nós. Então, qual é o princípio subjacente que Paulo ensinou, os reformadores e puritanos recuperaram e que precisamos manter hoje? Penso que é isto: a nossa vida toda pertence a Deus e faz parte do seu chamado, tanto antes da conversão como fora da religião. Não devemos imaginar que Deus só começou a se interessar por nós quando nos convertemos, ou que agora ele está interessado apenas na parte religiosa da nossa vida.

Considere nossa vida antes da conversão. Qual era o nosso chamado quando Deus nos chamou? Se no momento da nossa conversão estávamos cuidando de parentes idosos, não devemos abandoná-los agora. Se éramos estudantes, não estaríamos livres para desistir dos estudos e abandonar a universidade. Se tivéssemos assinado um contrato com alguém, não teríamos o direito de quebrá-lo. Se éramos músicos, artistas, atletas ou pensadores quando Deus nos chamou, não devemos agora negar essas coisas boas que um bom Criador nos deu. Afinal, essas coisas não eram aspectos acidentais da nossa vida. Eram parte da providência de Deus para a qual ele nos chamou e que ele havia atribuído a nós. A soberania de Deus se estende sobre ambas as metades da nossa vida. Não foi na nossa conversão que ele começou a agir em e para nós. Ele estava trabalhando em nós mesmo antes do nosso nascimento em nossa herança genética e, depois, no nosso temperamento, personalidade, educação e habilidades. E aquilo que Deus nos fez e nos deu antes de nos tornarmos cristãos, ele redime, santifica e transforma depois. Há uma continuidade vital entre a nossa vida antes e depois da conversão, pois, embora sejamos uma nova pessoa em Cristo, ainda somos a mesma pessoa que éramos pela criação, criação essa que Cristo fez nova.

Agora considere a nossa vida fora da religião. O Deus que muitos de nós adoramos é religioso demais. Parece que imaginamos Deus interessado apenas em livros, prédios e serviços religiosos. Mas não, ele está interessado em nós, em nosso lar, nossa família e nossos amigos, em nosso trabalho e lazer, em nossa cidadania e comunidade. Assim, a soberania de Deus se estende sobre ambas as

metades e sobre todas as áreas da nossa vida. Não devemos marginalizar Deus, ou tentar espremê-lo da área não religiosa da nossa vida. Devemos lembrar que a nossa vocação (ou seja, o chamado de Deus) inclui essas coisas. É nelas que devemos servir e glorificar a Deus.

## MINISTÉRIO

Se estamos preocupados em descobrir para onde Deus está nos levando (orientação) e para o que ele está nos chamando (vocação), podemos ter certeza de que isso estará ligado a como melhor podemos servi-lo (ministério). Além disso, tal como acontece com as palavras “orientação” e “vocação”, assim acontece com a palavra “ministério”: precisamos distinguir entre um significado mais amplo e um significado mais restrito, entre uma aplicação geral e uma aplicação particular.

Aqui estão três afirmações sobre o ministério.

Primeiro, todos os cristãos, sem exceção, são chamados ao ministério. De fato, devemos dar a nossa vida no ministério. O ministério não é privilégio de uma pequena elite, mas de todos os discípulos de Jesus. Você deve ter notado que eu não disse que todos os cristãos são chamados para o ministério (pastoral), mas para o ministério, diaconia, serviço. Fazemos um grande desserviço à causa cristã sempre que nos referimos a ser um pastor como estando no “ministério”. Porque assim damos a impressão de que o ministério pastoral é o único ministério que existe, assim como os religiosos medievais consideravam o sacerdócio como a única vocação existente (ou, pelo menos, a mais “espiritual”). Sempre que alguém diz na minha presença que “está indo para o ministério”, eu sempre pergunto inocentemente: “É mesmo? A qual ministério você se refere?” Se eles respondem, como sempre o fazem, “O ministério pastoral”, então eu complemento com uma leve crítica: “Então por que você não disse isso?!” O fato é que a palavra “ministério” é um termo genérico que não tem uma especificidade enquanto não acrescentamos um adjetivo.

Volto à minha primeira proposição de que todos os cristãos sem exceção são chamados ao ministério. Como posso fazer tal declaração dogmática? Por causa

de Jesus Cristo. Seu senhorio sobre nós tem uma dimensão vocacional. Ele, o servo por excelência, que se entregou sem reservas para servir a Deus e aos seres humanos, de modo que seria impossível alguém ser seu discípulo sem procurar seguir seu exemplo de serviço. Ele pregou o reino, curou os doentes, alimentou os famintos, fez amizade com os que não tinham amigos, defendeu os oprimidos, confortou os enlutados, procurou os perdidos e lavou os pés de seus apóstolos. Nenhuma tarefa era muito difícil e nenhum ministério era demasiado servil para que ele realizasse. Viveu sua vida e morreu servindo de modo completo e abnegado. Não devemos imitá-lo? O mundo mede a grandeza pelo sucesso; Jesus mede-a pelo serviço.

Segundo, há uma grande variedade de ministérios cristãos. Isto é porque "ministério" significa "serviço", e há muitas maneiras diferentes em que podemos servir a Deus e as pessoas. O texto de Atos 6.1-4 fornece uma base bíblica firme para esta convicção. Uma briga étnica ou cultural estava dividindo a igreja de Jerusalém. Os judeus gregos reclamavam contra os judeus hebreus porque achavam que suas viúvas estavam sendo discriminadas na distribuição diária de alimentos. Os apóstolos haviam se envolvido nessa discussão, e ela estava ocupando uma grande parte de seu tempo, ameaçando distraí-los da pregação e do papel de ensino para o qual Jesus os havia enviado. Então eles sabiamente convocaram uma reunião da igreja e disseram: "Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir [diakonein] às mesas". A igreja foi então convidada a escolher sete homens para essa responsabilidade. Isso permitiria que os apóstolos se dedicassem "à oração e ao ministério [diakonia] da palavra".

É essencial notar que tanto a distribuição de alimentos como o ensino da Palavra foram referidos como ministério (diakonia). Ambos eram vistos como um ministério cristão, podiam ser um ministério cristão em tempo integral e exigiam que o Espírito enchesse as pessoas para esse serviço. A única diferença entre eles consistia em que um era o ministério pastoral e o outro, social. Não era que um fosse "ministério" e o outro não; nem que um fosse espiritual e o outro secular; nem que um fosse superior e o outro inferior. Era simplesmente que Cristo chamou os Doze para o ministério da Palavra e os Sete para o ministério das mesas.

Desde quando eu era um jovem cristão, fui levado a pensar em diferentes vocações ou ministérios como formando uma hierarquia ou pirâmide. Pendurados precariamente no topo da pirâmide estavam os missionários

transculturais. Eram os nossos heróis. Assim, aprendi que, se eu me entregasse totalmente a Cristo, então sem dúvida eu iria juntar-me a eles no exterior. Se eu não estivesse tão interessado a esse ponto, eu ficaria em casa e seria um pastor. Se eu não quisesse nem mesmo isso, provavelmente me tornaria um médico ou um professor. Mas se eu fosse entrar no ramo dos negócios, na política ou na mídia, então eu não estaria longe de me perder! Por favor, não me entenda mal. É um privilégio maravilhoso ser missionário ou pastor, se Deus nos chama para isso. Mas é igualmente maravilhoso ser cristão atuando como advogado, industrial, político, gerente, assistente social, roteirista de televisão, jornalista ou dona de casa, se Deus nos chama para isso. De acordo com Romanos 13.4, um oficial do Estado (seja legislador, magistrado ou policial) é "ministro de Deus" (NAA; diakonos theou) tanto quanto um pastor. É a hierarquia que temos de rejeitar; é a pirâmide que temos de demolir.

É claro que ainda há uma necessidade urgente de missionários – pessoas que se caracterizam sobretudo pela humildade. Precisamos de missionários com a humildade de se arrepender do imperialismo cultural e se identificar com outra cultura, a humildade para trabalhar sob a liderança da igreja nacional, a humildade para servir as necessidades (sociais e evangelísticas) sentidas pelas pessoas.[43] A evangelização mundial permanece no topo da agenda da igreja. Também há uma grande necessidade de pastores para ensinar a Palavra de Deus.

Ao mesmo tempo, há uma necessidade gritante de cristãos que vejam o seu trabalho diário como o seu ministério cristão primário e que se mostrem determinados a penetrar nesse seu ambiente secular para Cristo.

Precisamos de cristãos em negócios e indústrias que vejam o "serviço ao público" como o primeiro objetivo em sua declaração de "missão", que façam experiências ousadas em relações de trabalho, participação dos trabalhadores e distribuição do lucro, e que aceitem a sua responsabilidade de anualmente produzir uma "auditoria social", juntamente com a sua auditoria financeira anual.

Precisamos de políticos cristãos que identifiquem as grandes injustiças em sua sociedade, que se recusem a ser coniventes com elas e trabalhem para assegurar uma mudança legislativa, por mais tempo que leve. E precisamos de economistas cristãos que encontrem maneiras de criar e compartilhar a riqueza.

Precisamos de cineastas cristãos que produzam não apenas filmes abertamente

cristãos ou evangelísticos, mas também filmes sadios que indiretamente engrandeçam os valores cristãos e, assim, honrem a Cristo.

Precisamos de mais médicos cristãos que, em cooperação com os teólogos morais, enfrentem os desafios contemporâneos da ética médica e desenvolvam formas de manter a visão exclusivamente cristã da pessoa humana e da família humana. Precisamos de professores cristãos dedicados, tanto nas escolas cristãs quanto nas seculares, que considerem um privilégio servir seus alunos e ajudá-los a desenvolver seu pleno potencial dado por Deus.

E precisamos de mais assistentes sociais cristãos que mostrem preocupação com aqueles que têm deficiência mental ou física, crianças abusadas, dependentes químicos, vítimas da AIDS e outros, combinando os melhores tratamentos médicos e assistência social com o amor cristão, a oração e o apoio da Igreja.

Terceiro, o ministério particular para o qual Cristo nos chama provavelmente é determinado pelos nossos dons. O fator principal que determina nosso foco de ministério será provavelmente o tipo de pessoa que somos pela criação e pela redenção de Deus. Deus não é um criador aleatório; ele não nos deu dons naturais para que sejam desperdiçados. Também não é um redentor aleatório, que nos deu dons espirituais para serem desperdiçados. Em vez disso, ele quer que seus dons sejam discernidos, cultivados e exercitados. Ele certamente não quer que fiquemos frustrados (porque nossos dons estão ociosos), mas sim realizados (porque nossos dons estão sendo usados).

Parece-me totalmente compatível com as nossas doutrinas cristãs da criação e da redenção que devemos falar a nós mesmos um pouco como se segue: “Eu sou uma pessoa única.” (Isso não é vaidade. É um fato. Se cada folha de grama e cada floco de neve é único, tanto mais cada ser humano é único!) Minha singularidade se deve à minha constituição genética, minha personalidade e meu temperamento herdados, minha ascendência, minha criação e educação, meus talentos, inclinações e interesses, meu novo nascimento e meus dons espirituais. Pela graça de Deus, sou quem sou. Como, então, posso eu, como a pessoa única que Deus me fez, me esforçar no serviço de Cristo e das pessoas, de modo que nada que ele me deu seja desperdiçado e tudo o que ele me deu seja usado?

Talvez haja exceções a este princípio, mas parece-me ser a pergunta certa para alguém fazer a si mesmo. E para tentar nos avaliar honestamente desta forma, sem orgulho nem falsa modéstia, os nossos pais e amigos, que melhor nos

conhecem, são os que mais nos ajudam.

As três palavras que estamos analisando (orientação, vocação e ministério) relacionam-se todas com a vontade de Deus para a nossa vida e como descobri-la. Em conclusão, deixe-me antecipar dois medos que meus leitores talvez estejam sentindo, e assim tentar aliviá-los.

Primeiro, não há necessidade de temer a vontade de Deus por assumir que isso deve ser difícil. Alguns cristãos parecem imaginar que, quanto mais desagradável é uma opção, mais provável é que seja a vontade de Deus! Mas Deus não é um ogro, determinado a arruinar nossa vida. Ele é nosso Pai, comprometido com o nosso bem-estar e determinado a nos dar apenas o que é para o nosso bem.

"Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos", disse Jesus, "quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!"[44] Podemos ter certeza de que a vontade de Deus é "boa, agradável e perfeita"[45]. Segundo, não há necessidade de temer que nunca descobriremos a vontade de Deus. Não temos razão para nos preocupar, nem de entrar num estado de tensão nervosa, nem de passarmos noites sem dormir de ansiedade. Estranhamente, uma das minhas primeiras memórias de infância, quando eu não tinha mais do que 6 ou 7 anos, era da minha mãe entrando no meu quarto diariamente para dizer boa noite. Eu a atormentava com a pergunta constantemente repetida e cheia de angústia: "Mamãe, o que vou ser quando crescer?" Ela respondia que eu não precisava me preocupar, pois isso me seria mostrado no devido tempo. E agora, mais de sessenta anos depois, com o benefício da retrospectiva, sei que ela estava certa, e que todas essas preocupações infantis eram desnecessárias. Temos todas as razões para estarmos confiantes de que a vontade de nosso Pai é boa e pode ser conhecida. Ele tem maneiras e meios de nos mostrar o que quer que façamos. A condição principal é que nós mesmos realmente desejemos discernir a sua vontade, a fim de colocá-la em prática.

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

Como Stott diz que a vontade geral de Deus se aplica ao casamento? Como se aplica ao trabalho?

Você concorda que Deus tem uma vontade específica para a nossa vida que devemos discernir? Que evidência bíblica sustenta a sua resposta?

Pense em uma decisão recente que você tomou. O que o ajudou a tomar sua decisão? É possível relacionar o seu processo de decisão ao modelo proposto por Stott (ceder, orar, falar, pensar e esperar)?

Qual é a ligação entre o nosso chamado geral e o nosso chamado específico? Como o nosso chamado geral deve moldar a forma como cumprimos o nosso chamado específico?

Falar de “um chamado” pode soar um tanto estático e desatualizado em uma época em que as pessoas mudam de função, emprego e até mesmo de carreiras várias vezes durante sua vida profissional. Como é que o que Stott descreve como o “princípio subjacente” da vocação sugere que isso ainda pode ser relevante?

O que significa para você ver o seu trabalho (qualquer que seja e onde quer que seja) como ministério?

CAPÍTULAR 4

# O PRIMEIRO FRUTO DO ESPÍRITO

CONVIDO VOCÊS AGORA a refletir sobre um texto bíblico que significa muito para mim. Todos os dias, por uns vinte anos, eu tenho citado esse texto para mim mesmo em minhas devoções matinais e orado por seu cumprimento em minha vida. Quando me perguntam qual é o meu texto favorito, normalmente menciono este. Parece-me conter verdades que são de enorme importância para todo o povo de Deus. Aqui está: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei”[1].

Desses dois versículos, penso que podemos legitimamente derivar cinco afirmações sobre o amor.

## AMOR, ALEGRIA E PAZ

A primeira verdade é que o amor é a graça cristã suprema: “O fruto do Espírito é amor”. É verdade, Paulo lista um conjunto de nove qualidades, que juntas ele chama de “fruto” do Espírito, mas o amor tem lugar de destaque. Ouvimos muito sobre o Espírito Santo hoje em dia (ele não é mais a pessoa negligenciada da Trindade), e muitas pessoas estão reivindicando manifestações espetaculares de seu poder, mas o primeiro fruto de sua presença nas pessoas não é poder, mas amor.

Qual é a principal marca distintiva de um cristão? Qual é a marca que autentica as pessoas como filhos de Deus? Respostas diferentes são dadas por pessoas

diferentes.

Alguns respondem que o que distingue o cristão genuíno é a verdade, a ortodoxia, a crença correta, a lealdade às doutrinas da Escritura, os credos católicos e as confissões da Reforma. Está certo! A verdade é sagrada. A sã doutrina é vital para a saúde da Igreja. Somos convocados a combater “o bom combate da fé”[2], a guardar “o depósito” da religião revelada,[3] a nos manter firmes e nos apegar aos ensinamentos dos apóstolos[4] e a batalhar “pela fé de uma vez por todas confiada aos santos”[5]. Nós nunca devemos esquecer dessas exortações solenes. No entanto, “ainda que eu [...] saiba todos os mistérios e todo o conhecimento [...] se não tiver amor, nada serei”[6]. Além disso, “o conhecimento traz orgulho, mas o amor edifica”[7]. Assim o amor é maior do que o conhecimento.

Outros insistem que a marca registrada dos discípulos genuínos é a fé. “Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à Lei.”[8] Como Martinho Lutero escreveu, a justificação pela fé é “o artigo principal de toda a doutrina cristã”, que “faz realmente cristãos verdadeiros”.[9] E Thomas Cranmer, reformador e arcebispo inglês, acrescentou a contrapartida negativa: “Quem nega isto [a doutrina] não deve ser contado como um verdadeiro homem cristão”[10]. Ou, para citar uma declaração evangélica mais moderna, a justificação pela fé é “o coração e o centro, o paradigma e a essência de toda a economia da graça salvadora de Deus”[11]. Concordo. Sola fide, “somente pela fé”, que era a palavra de ordem da Reforma, deve ser também a nossa palavra de ordem. No entanto, “ainda que eu [...] tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei”[12]. O grande apóstolo da fé deixa claro que o amor é maior do que a fé.

Um terceiro grupo enfatiza a experiência religiosa como a marca do cristão, muitas vezes de um tipo particular e vívido de experiência, a qual acreditam que deve ser reproduzida em todos. E este grupo também, até certo ponto, está correto. Um relacionamento pessoal em primeira mão com Deus por meio de Cristo é essencial. O testemunho interno do Espírito é real. Existe algo como uma “alegria indizível e gloriosa”[13] e, por causa da “suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus”, tudo mais é considerado como perda[14]. No entanto, “ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos” e “tenha o dom de profecia” (alegando uma comunicação direta de Deus), “se não tiver amor, nada serei”.[15] Assim, o amor é maior do que a experiência.

A quarta e última categoria de pessoas, com uma inclinação mais prática, enfatiza o serviço como a marca distintiva do povo de Deus, especialmente o serviço aos pobres. Mais uma vez está certo! Sem boas obras a fé está morta. Já que o próprio Jesus foi um defensor dos pobres, seus discípulos também devem ser. Se vemos pessoas em necessidade e temos a capacidade de ajudá-las, mas não temos misericórdia delas, como podemos afirmar ter o amor de Deus em nós?[16] No entanto, "ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado [talvez em um gesto heroico de sacrifício], se não tiver amor, nada disso me valerá"[17]. Assim, o amor é maior do que o serviço.

Em suma, o conhecimento é vital, a fé é indispensável, a experiência religiosa é necessária e o serviço é essencial, mas Paulo dá primazia ao amor. O amor é a maior coisa do mundo. Pois "Deus é amor"[18] em seu ser mais íntimo. O Pai, o Filho e o Espírito estão eternamente unidos um ao outro no amor de doação. Assim, aquele que é amor, e colocou o seu amor sobre nós, nos chama a amar tanto a ele como aos outros em troca. "Nós amamos porque ele nos amou primeiro."[19] O amor é a característica principal, essencial, suprema e distintiva do povo de Deus. Nada pode tomar seu lugar ou substituí-lo. O amor é supremo.

Em segundo lugar, o amor traz alegria e paz. Pois "o fruto do Espírito é amor, alegria, paz". A sequência é certamente significativa.

Os seres humanos sempre perseguiram a alegria e a paz, embora tenham geralmente empregado uma palavra mais secular: "felicidade". Thomas Jefferson, antes de se tornar o terceiro presidente dos Estados Unidos, estava tão convencido de que a busca da felicidade era um direito humano inalienável que ele o registrou na Declaração de Independência e o chamou de uma "verdade autoevidente".

Mas os cristãos se sentem obrigados a acrescentar que aqueles que buscam a felicidade nunca a encontram. Alegria e paz são bênçãos extremamente fugazes. Mesmo quando estendemos uma mão para agarrar a felicidade, nós a vemos desaparecendo no ar. Pois a alegria e a paz não são metas adequadas a perseguir; são subprodutos do amor. Deus os dá a nós, não quando os perseguimos, mas quando perseguimos a ele e outros no amor.

É urgente que testemunhemos esta verdade no mundo contemporâneo, em que a "autorrealização" é a tendência e toda a conversa gira em torno da importância de aumentar a "autoestima" de uma pessoa. Em seu livro perceptivo Psicologia

Como Religião,[20] que tem como subtítulo O culto da autoadoração, o doutor Paul Vitz, da Universidade de Nova York, analisou os quatro principais "teóricos do ego" daquela década: Erich Fromm (que argumentou que a indiferença a si mesmo é um vício, enquanto a autoafirmação é uma virtude), Carl Rogers (cuja terapia "centrada no cliente" visava ajudar um cliente a se tornar uma pessoa autônoma e sem restrições por meio da "autoestima incondicional"), Abraham Maslow (que enfatizou a "autorrealização" criativa) e Rollo May (que, influenciado pelo existencialismo, enfatizou a decisão e o compromisso como meios de se tornar alguém). Todos estes quatro escritores se confessavam humanistas seculares. Acreditavam em seres humanos, não em Deus. Muitos os ajudaram a se tornar populares, e sua ênfase básica na autoestima e na autorrealização parece ter se infiltrado em quase todos os segmentos da sociedade. O doutor David Wells comenta que, em meados da década de 1980, "87,5% do que foi publicado nos Estados Unidos atendia aos interesses e apetites do movimento do eu"[21].

É verdade que há um tipo correto e saudável de autoafirmação, que equilibra a autonegação a que Jesus chamou seus discípulos. Não é, no entanto, a afirmação acrítica e irrestrita do humanista quanto ao "eu", pois é fortemente qualificada pelo reconhecimento de nossa própria pecaminosidade. Nós cristãos somos capazes de afirmar apenas os aspectos do eu que derivam da nossa criação à imagem de Deus (por exemplo, nossa racionalidade, nossa responsabilidade moral e nossa capacidade de amor), negando ao mesmo tempo (isto é, renegando e repudiando) todos os aspectos do eu que derivam da queda e do nosso estado pessoal após a queda (por exemplo, nosso egoísmo, nossa cobiça, nossa malícia, nossa hipocrisia e nosso orgulho). Essas formas cristãs de autoafirmação e autonegação estão muito longe de ser expressões de uma preocupação conosco mesmo, ainda menos a paixão atual com o eu. Pelo contrário, não se dirigem a si mesmos, mas a Deus. Eles são parte e parcela de nossa adoração a Deus como nosso Criador e nosso Juiz.

No entanto, alguns escritores cristãos tentaram argumentar que o próprio cristianismo tem a ver com autoestima, que devemos desistir de nos concentrarmos em coisas como pecado, culpa, julgamento e expiação, que devemos apresentar a salvação como a descoberta do eu, e que o endosso do segundo mandamento dado por Jesus foi um chamado implícito para amar a nós mesmos, bem como ao nosso próximo. Mas isso não é verdade. Nas Escrituras, o amor próprio é sinônimo de pecado, não o caminho para a liberdade. O amor agapē significa o sacrifício de si mesmo a serviço dos outros. Por sua própria

natureza, não pode ser dirigido a si mesmo. Como podemos nos sacrificar para servir a nós mesmos? É impossível. A própria ideia é um absurdo. O caminho de Jesus é o oposto. Ele ensinou o grande paradoxo de que só quando nos perdemos é que nos encontramos, só quando morremos para nós mesmos é que aprendemos a viver, e só servindo aos outros é que nos tornamos livres. Ou, para voltar a Paulo em Gálatas, só quando amamos é que vêm a alegria e a paz. A busca consciente da felicidade sempre vai acabar em fracasso. Mas quando nos esquecemos de nós mesmos no serviço abnegado do amor, então a alegria e a paz vêm inundando a nossa vida como bênçãos incidentais e inesperadas.

## AMOR EM AÇÃO

Terceiro, o amor se manifesta em ação. Pois se o amor é o primeiro fruto do Espírito, com alegria e paz seguindo em seu rastro, vêm a seguir "paciência, amabilidade, bondade". O amor não é apenas romance, muito menos erotismo. Nem sequer é puro sentimento ou emoção. Parece abstrato, mas leva a atitudes positivas e a ações concretas, ou seja, a paciência, a amabilidade e a bondade. E, como creio que escreveu o romancista russo Fiódor Dostoiévski, "o amor em ação é muito mais terrível do que o amor em sonhos". Pois o amor é sempre uma busca pelo verdadeiro bem-estar dos outros, seja qual for o custo pessoal.

"Paciência" é uma qualidade negativa. É muitas vezes traduzida como "longanimidade", pois descreve a paciência com as pessoas, em vez de com as circunstâncias. Inclui a tolerância para com aqueles que são exigentes ou irritantes. Nunca se esquece da grandeza da paciência de Cristo para conosco.[22]

"Amabilidade" e "bondade" são qualidades positivas. A primeira é generosidade de pensamento, desejar o bem aos outros, enquanto o segundo é generosidade de ação, fazer realmente por eles o bem que lhes desejamos.

Parece correto, então, discernir uma progressão nessas três graças cristãs. A paciência suporta a malícia dos outros e se recusa a retaliar. A amabilidade transforma a tolerância em bondade, não desejando mal às pessoas, mas desejando-lhes bem. E a bondade converte o desejo em ato, tomando a iniciativa de servir as pessoas em ação.

Todas as três qualidades são características e expressões do amor. Pois, como o apóstolo escreve em outro lugar: “O amor é paciente, o amor é bondoso”[23], e nós devemos “[servir] uns aos outros mediante o amor”[24]. Há pouco valor em fazer grandes declarações de amor pela raça humana; temos de nos envolver com pessoas reais em situações reais. É então que a paciência, a amabilidade e a bondade do amor serão postas à prova.

Em quarto lugar, o amor é equilibrado pelo domínio próprio. Pois “o fruto do Espírito é [...] fidelidade, mansidão e domínio próprio”. Estas três qualidades parecem ser nuances diferentes do domínio que temos sobre nós mesmos. “Fidelidade” é confiabilidade ou credibilidade em questões como manter nossas promessas e cumprir nossos compromissos. “Mansidão” traduz prautēs, que muitas vezes é traduzido como “gentileza”. Mas não é um tipo de mansidão complacente, fraca, sem princípios. Isso certamente inclui ser gentil, humilde e atencioso com as outras pessoas, mas muitas vezes exigirá que domemos nossas forças e aproveitemos nossas energias. A terceira palavra é “domínio próprio”, egkrateia, “que expressa o poder ou senhorio que alguém tem sobre si mesmo ou sobre algo”[25]. Inclui disciplinar os nossos instintos, refrear o nosso temperamento e a nossa língua e refrear as nossas paixões.

Por que o amor deve ser equilibrado pelo domínio próprio? Porque o amor é autodoação, e autodoação e domínio próprio se complementam. Pois como podemos nos dar se não aprendemos a nos dominar? Nosso eu tem de ser dominado antes que possa ser oferecido a serviço de outros. É certamente significativo, portanto, que as nove características do fruto do Espírito começam com a autodoação e terminam com o autocontrole.

## AMOR É O FRUTO DO ESPÍRITO

A quinta verdade que emerge deste grande texto é que o amor que temos pensado (supremo, trazendo alegria e paz, emanando em ação e equilibrado pelo domínio próprio) é o fruto do Espírito. Em outras palavras, é a consequência natural da obra sobrenatural do Espírito Santo dentro de nós.

No contexto, Paulo está traçando um contraste entre “a carne” e “o Espírito”,

entre “as obras da carne” e “o fruto do Espírito”. Precisamos fazer uma pausa para algumas definições. Por “carne” ele não está se referindo ao tecido mole da pele e do músculo que cobre o nosso esqueleto ósseo, nem ao corpo humano (um erro que as pessoas fazem quando falam de ganância e imoralidade sexual como os “pecados da carne”). Em vez disso, ele está falando de nossa natureza herdada, caída e distorcida, com sua tendência para o mal, seus desejos corruptos e suas demandas egoístas. Foi bem dito que, se apagarmos a última letra da palavra “flesh" (”carne“, em inglês) e a lermos de trás para frente, descobrimos exatamente o que é:”self“,”eu".

Por “Espírito”, Paulo não se refere à respiração que anima o nosso corpo, nem ao lado espiritual dos seres humanos em contraste com o material. Em vez disso, ele se refere ao próprio Espírito Santo, que entra em nossa personalidade quando nos arrependemos e cremos em Jesus, e cuja habitação em nós é a marca da identidade cristã[26] e o segredo da santidade de Cristo. Aqui, então, estão os dois protagonistas na luta que Paulo descreve. Por um lado, há “a carne”, a nossa natureza decaída egocêntrica, e por outro, “o Espírito”, o Espírito de Deus que habita em nós. Paulo nos diz três verdades sobre o conflito entre essas forças.

Primeiro, os desejos da carne e do Espírito são desejos ativos. “Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro.”[27] Deste modo, tanto a carne como o Espírito têm desejos, que estão vivos, ativos, cheios de energia e força. A razão para enfatizar isso é que, ao longo da história da Igreja, grupos perfeccionistas ensinaram que, depois do novo nascimento, nossa natureza caída está inerte e inativa, até mesmo morta. Mas não é isso o que a Escritura ensina. O mandamento de que não devemos satisfazer “os desejos da carne”[28], e a afirmação de que “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”[29] seriam absurdos se a nossa natureza caída não tivesse mais desejos. Não, a vida cristã é marcada por um incessante conflito com o mundo, a carne e o diabo.

Em segundo lugar, os desejos da carne e do Espírito são desejos opostos. Existe um antagonismo feroz entre eles. “Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito luta contra a carne, porque são opostos entre si.”[30] Como o bispo J. B. Lightfoot colocou em seu comentário sobre Gálatas: “Entre o Espírito e a carne não há qualquer aliança; há uma interminável disputa mortal”[31].

Além disso, a natureza antagônica dos desejos da carne e do Espírito se torna clara no contraste entre “as obras da carne”[32] e “o fruto do Espírito”[33]. As

primeiras são muito desagradáveis. Paulo lista quinze delas. Eles parecem se encaixar em quatro categorias: pecados sexuais (imoralidade sexual, impureza e libertinagem), pecados religiosos (idolatria e feitiçaria, sendo este último a tentativa secreta de se apropriar do poder divino ou demoníaco por magia), pecados sociais (oito deles: ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja) e pecados pessoais (embriaguez e orgias). É um catálogo hediondo de atividades em que as pessoas se afirmam contra Deus e contra os outros.

O fruto do Espírito, com suas nove características já mencionadas antes,[34] apresenta um belo contraste. De fato, seria difícil imaginar um contraste maior. Pois aqui temos a piedade em vez da impiedade; alegria autêntica e paz no lugar da busca do prazer pecaminoso; amabilidade e bondade contra ódio e ciúmes; e domínio próprio em lugar de autossatisfação.

Terceiro, Paulo insiste que os desejos da carne e do Espírito são desejos controláveis. É possível, escreve ele, que o Espírito ganhe ascendência sobre a carne e a domine, que o amor triunfe sobre o egoísmo e que o bem seja vitorioso sobre o mal. Como? O segredo está em adotar a atitude correta para com a carne e o Espírito.

A nossa atitude para com a nossa natureza caída deve ser de rejeição implacável. Pois “os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos”[35]. Tomamos esta coisa má, nojenta e escorregadia chamada “carne” e a pregamos na cruz. Foi assim no nosso arrependimento inicial. A crucificação é uma imagem dramática da nossa rejeição irrestrita de todo o mal conhecido. A crucificação não leva a uma morte rápida ou fácil; é uma forma de execução cuja dor é persistente. No entanto, é decisiva; não há possibilidade de escapar dela.

Nossa atitude para com o Espírito Santo, por outro lado, deve ser de rendição incondicional. Paulo usa várias expressões para isso. Devemos viver pelo Espírito, ser guiados pelo Espírito e andar pelo Espírito.[36] Devemos permitir-lhe que assuma a legítima soberania sobre nós e, assim, seguir as suas justas orientações.

Assim, tanto a rejeição da carne quanto a entrega ao Espírito precisam ser repetidas em nós diariamente, por mais decisiva que tenha sido a nossa rejeição e entrega originais. Nas palavras de Jesus, devemos tomar “diariamente” a nossa

cruz e segui-lo.[37] Devemos também continuar a ser enchidos pelo Espírito,[38] à medida que abrimos nossa personalidade para ele diariamente. Tanto a nossa rejeição quanto a nossa entrega também devem ser trabalhadas em hábitos de vida bem disciplinados. Aqueles que "semeiam para o Espírito"[39] são os que colhem o fruto do Espírito. E "semear para o Espírito" significa cultivar as coisas do Espírito. Isso significa, por exemplo, o uso sábio do Dia do Senhor, a disciplina diária da oração e da leitura bíblica, o nosso culto regular e a participação na Comunhão ou Ceia do Senhor, o cultivo de amizades cristãs e o nosso envolvimento no serviço cristão. Um princípio inflexível, tanto no reino material como no moral, é que colhemos o que semeamos. A regra é invariável. Não pode ser mudada, pois "de Deus não se zomba"[40]. Portanto, não devemos ficar surpresos se não colhermos o fruto do Espírito quando estamos semeando para a carne o tempo todo. Pensamos mesmo que poderíamos enganar Deus?

Para mudar a metáfora, lembro-me de ter lido há alguns anos sobre uma pessoa que visitava as montanhas do sul da Califórnia. Encontrou um antigo montanhista, cujos dois cães estavam brigando continuamente. O visitante perguntou-lhe quais dos cães costumava ganhar. O montanhista mascou seu tabaco por um tempo em silêncio, e então respondeu: "Aquele que eu alimento mais". Da mesma forma, a nossa nova natureza vai ser vitoriosa sobre a velha apenas se alimentarmos essa nova e privarmos a velha.

Há apenas uma pessoa, na longa história do mundo, em quem o fruto do Espírito sempre amadureceu para a perfeição. Essa pessoa é Jesus de Nazaré. De fato, o fruto mencionado por Paulo pode ser visto como um retrato de Jesus Cristo. Porque ele amou como ninguém jamais amou, ao dar a sua vida pelos seus inimigos. Ele falou tanto da "minha alegria" quanto da "minha paz".[41] Ele era maravilhosamente paciente com os seus apóstolos lerdos de espírito. Ele era invariavelmente bondoso e cheio de boas obras. Ele também era firmemente confiável e sempre gentil, na verdade, "manso e humilde de coração"[42]. E tinha perfeito domínio próprio, de modo que, "quando insultado, não revidava"[43].

O doutor Kenneth Moynagh, que trabalhou por muitos anos como médico missionário em Matana, no Burundi, uma vez resumiu o fruto do Espírito, com sua ênfase no amor, desta forma:

Alegria é amor exultante, e paz é amor na quietação; Paciência é amor que

persiste em cada teste e provação. Gentileza é amor que cede a tudo o que não é pecado, Bondade é amor que age por Cristo em nós internalizado. Fé são olhos de amor abertos para ver Cristo Jesus; Mansidão é amar e não lutar, mas curvado diante da cruz. Temperança é amor sob o controle de Cristo, com calma, Pois Cristo é amor em pessoa, e amor é Cristo na alma.

Se o fruto do Espírito é ser semelhante a Cristo, logo ser semelhante a Cristo é o propósito pessoal de Deus para todo o seu povo.

O seu propósito é eterno, “pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”.[44]

O seu propósito é histórico, à medida que “todos nós [...] estamos sendo transformados com glória cada vez maior”.[45]

O seu propósito é escatológico, pois, “ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é.”[46]

A única maneira de compreender as desilusões e frustrações da vida, a solidão, o sofrimento e a dor, é ver tudo isso como parte da disciplina do nosso Pai amoroso na sua determinação de nos tornar semelhantes a Cristo.[47]

Às vezes me perguntam, talvez em uma entrevista de jornal, rádio ou televisão, se na minha idade ainda tenho ambições. Minha resposta agora sempre é: “Sim, minha ambição primordial é (e espero que seja até morrer) que eu possa me tornar um pouco mais como Cristo”.

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

Qual é a principal marca distintiva da sua igreja? E quanto à sua vida? O que você poderia fazer para garantir que o amor seja a característica mais marcante?

Quais são os sinais que você vê da busca por autorrealização e por autoestima no mundo ao seu redor? Por que isso é autodestrutivo?

A paciência suporta a malícia, a amabilidade responde desejando bem às pessoas e a bondade converte esse desejo em ação. Em que ponto o seu amor fracassa? De que maneiras você precisa combinar o amor com o domínio próprio?

Que medidas práticas você poderia tomar para rejeitar tudo o que pertence à carne?

Que medidas práticas você poderia tomar para se render ao Espírito e cultivar as coisas do Espírito?

Você consegue se lembrar de alguma vez que Deus usou uma decepção ou frustração para torná-lo mais semelhante a Cristo?

CONCLUSÃO

# O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

## REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma "ética interina" à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia "completa" ou "consistente".

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia "realizada"). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, "O reino de Deus está próximo"[1] e "chegou a vocês o reino de Deus".[2] Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;[3] que o "homem forte" estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;[4] que o reino já estava "dentro de" ou "entre" as pessoas;[5] e que agora era possível "receber" ou "entrar" nele.[6]

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado

até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”[7] e “busquem em primeiro lugar”,[8] dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino[9] ou “receber” o reino.[10]

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.[11] Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.[12] Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.[13] Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.[14]

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),[15] e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.[16]

No entanto, a tensão permanece: já fomos salvos, mas um dia também seremos salvos.[17] E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.[18] O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.[19] Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.[20]

Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,[21] esperar,[22] aguardar com expectativa[23] e gemer,[24] enquanto esperamos tanto “ansiosamente”[25] como “pacientemente”.[26]

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.[27] Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso

reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,[28] a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,[29] e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.[30]

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

## REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na esfera intelectual, ou na questão da revelação.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.[31]

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.[32]

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.[33] Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.[34]

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de

muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”[35] É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na esfera moral, ou na questão da santidade.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.[36] O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.[37] Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.[38]

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,[39] de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.[40] Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.[41]

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;[42] e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.[43] Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do Espírito em nós.[44] A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na esfera física, ou na questão

da cura.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram "as marcas de um apóstolo" verdadeiro.[45] No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois "o reino do mundo" ainda não "se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo", quando "ele reinará para todo o sempre".[46] Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o "já" e o "ainda não" também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos "os poderes da era que há de vir",[47] mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é "revelada em nosso corpo".[48] Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: "Estou fazendo novas todas as coisas".[49] Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do "já" do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de "vida cristã normal" esquecem que o reino "ainda não" é.

## IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na esfera eclesiástica, ou a questão da disciplina da igreja.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo "como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável".[50] Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalentar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater "o bom combate da fé",[51] e a fazer "todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz".[52] E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. "Deixem que cresçam juntos até a colheita", disse Jesus na parábola do trigo e do joio.[53] Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o "agora" e o "antes", o "já" e o "ainda não", é a esfera social, ou a questão do progresso.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua "graça comum", ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos "novos céus e nova terra, onde habita a justiça".[54] Ainda existem "guerras e rumores de guerras".[55] As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.[56] As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o "já" e o "ainda não".

## TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os "cristãos já", que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados. Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do "ainda não" do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os cristãos "ainda não", que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os "cristãos já" querem glorificar a Cristo, os "cristãos ainda não" querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados

a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do status quo e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “cristãos já/ainda não”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

# Notas

## PREFÁCIO

Apocalipse 1.8.↩

Hebreus 13.8↩

## INTRODUÇÃO DA SÉRIE

Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↩

Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↩

Mateus 11.19.↩

Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↩

2 Coríntios 11.4.↩

2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↩

Atos 26.25.↩

Ezequiel 2.6-7.↩

## CAPÍTULO 1

Tiago 3.8.↩

Tiago 1.19-20.↩

Veja Nourse, Alan E. The Body [O corpo]. Time Life, 1968. Também dois livros de Paul Brand e Philip Yancey intitulados In His Image [À sua imagem] (Hodder & Stoughton, 1984) e Fearfully and Wonderfully Made [Feito de modo assombrosamente maravilhoso] (Hodder & Stoughton, 1981).↩

Deuteronômio 30.20.↩

Salmos 95.7 (NVT).↩

Jeremias 13.10; cf. Isaías 30.9.↩

Zacarias 7.13; cf. Jeremias 21.10-11.↩

Gênesis 22.1.↩

1 Samuel 3.4,6,8,10.↩

Atos 9.3-7.↩

Êxodo 33.11.↩

Deuteronômio 34.10.↩

João 10.3-5.↩

Efésios 2.20.↩

Mateus 7.16; 1 Tessalonicenses 5.20-22.↩

Hebreus 4.12.↩

Efésios 6.17.↩

Por exemplo, Lucas 10.26.↩

Por exemplo, Mateus 19.4; 21.42.↩

Por exemplo, Romanos 4.3; Gálatas 4.30.↩

Por exemplo, Apocalipse 2.7.↩

1 Samuel 3.9-10.↩

Isaías 50.4.↩

Lucas 10.39.↩

Lucas 10.42.↩

Provérbios 12.15; cf. 13.10; 15.12, 22; 20.18.↩

Provérbios 15.31; cf. 9.8; 17.10; 25.12; 27.5.↩

Provérbios 18.15.↩

Provérbios 1.8.↩

Reader’s Digest, setembro de 1937.↩

Ibid., p. xv.↩

Oates, Stephen B. Abraham Lincoln: The Man Behind the Myths [Abraham Lincoln: O homem por trás dos mitos]. New American Library, 1984. p. 125-126.↩

Veja, por exemplo, Evangelism and Social Responsibility: An Evangelical Commitment [Evangelismo e Responsabilidade Social: Um Compromisso Evangélico], conhecido como “The Grand Rapids Report”. Paternoster, 1982. Especialmente p. 5-7.↩

Bonhoeffer, Dietrich. Life Together [Vida em Comunhão]. Harper and Brothers, 1954. p. 97-99.↩

Provérbios 18.13.↩

De um artigo intitulado Presence and Proclamation [Presença e proclamação], lido em uma Consulta Europeia sobre Estudos de Missão, em abril de 1968.↩

Warren, M. A. C. Crowded Canvas [Tela abarrotada]. Hodder & Stoughton, 1974. p. 16, 18.↩

Provérbios 12.16.↩

Provérbios 21.13.↩

## CAPÍTULO 2

Marcos 12.30.↩

Romanos 12.2; Efésios 4.23.↩

Por exemplo, Efésios 4.26; 1 Pedro 1.22.↩

Atos 24.16.↩

Por exemplo, Mateus 6.10; Marcos 14.36; Colossenses 4.12.↩

1 Coríntios 14.20.↩

Newbigin, Lesslie. Foolishness to the Greeks [Loucura para os gregos]. SPCK, 1986. p. 70.↩

Lloyd-Jones, D. Martyn. The Christian Warfare [A luta do cristão]. Banner of Truth, 1976. p. 114.↩

2 Coríntios 5.7.↩

H. L. Mencken, que escreveu para o Baltimore Sun e às vezes era chamado de “o sábio de Baltimore”.↩

1 Coríntios 2.1-5.↩

Atos 18.4.↩

Atos 19.9-10.↩

Atos 26.25.↩

Filipenses 1.7.↩

Chaim Potok. The Chosen [O escolhido]. 1967. Penguin, 1970.↩

Ibid., p. 200.↩

Ibid., p. 273.↩

Ibid., p. 274.↩

Ibid., p. 277.↩

Por exemplo, Oseias 11.8-9.↩

Romanos 5.5.↩

Romanos 8.15-16.↩

1 João 3.1.↩

1 Pedro 1.8.↩

Romanos 8.22-25; 2 Coríntios 5.2-4.↩

2 Coríntios 5.19-20.↩

Por exemplo, Atos 20.19, 31; Filipenses 3.18.↩

Lloyd-Jones, D. Martyn. Preaching and Preachers [Pregação e pregadores]. Hodder & Stoughton, 1971. p. 97.↩

1 Coríntios 15.26.↩

Cf. Marcos 14.5.↩

Warfield, B. B. The Person and Work of Christ [A pessoa e obra de Cristo]. Presbyterian & Reformed, 1950. p. 115-117.↩

Geldof, Bob; Vallely, Paul. Is That It? [É isso?]. Penguin, 1986. p. 269.↩

Ibid., p. 271.↩

Ibid., p. 386.↩

Efésios 4.26.↩

Gálatas 5.19-21.↩

Lucas 24.32.↩

Citado por Turnbull, Ralph G. em A Minister's Obstacles [Obstá-culos de um ministro]. 1946. Baker, 1972. p. 97.↩

2 Coríntios 5.14.↩

## CAPÍTULO 3

Efésios 2.10.↩

Efésios 5.17.↩

Colossenses 1.9.↩

Colossenses 4.12.↩

Romanos 8.29.↩

Salmos 25.9.↩

Mateus 7.7; Tiago 4.2.↩

Provérbios 13.10.↩

Salmos 32.8-9.↩

Mateus 2.13.↩

Por exemplo, Gálatas 5.8; 1 Pedro 1.15.↩

Por exemplo, Romanos 8.28; Hebreus 9.15.↩

Romanos 1.6.↩

1 Pedro 3.9.↩

1 Coríntios 1.9.↩

Marcos 3.14.↩

João 17.3.↩

Gálatas 5.13.↩

Colossenses 3.15.↩

1 Coríntios 1.2.↩

Romanos 1.7.↩

Por exemplo, 1 Pedro 1.15; 1 Tessalonicenses 4.7; 2 Timóteo 1.9.↩

1 Pedro 2.9.↩

1 Pedro 2.20-21.↩

João 15.18,20.↩

Hebreus 3.1; cf. Filipenses 3.14.↩

1 Pedro 5.10.↩

Romanos 8.17.↩

Efésios 4.1.↩

1 Coríntios 7.20.↩

1 Coríntios 7.20, 17.↩

1 Coríntios 7.17, 20, 24.↩

2 Coríntios 5.17.↩

1 Coríntios 7.14.↩

1 Coríntios 7.21.↩

Martinho Lutero. Weimarer Ausgabe (1883), v. 44. p. 130-131.↩

Weimarer Ausgabe, v. 52, p. 124.↩

Weimarer Ausgabe, v. 46, p. 166.↩

João Calvino. Institutas, III.x.6.↩

Perkins, William. A Treatise of the Vocations or Callings of Men [Um tratado sobre as vocações ou chamados dos homens]. Em The Work of William Perkins [A obra de William Perkins]. Courtenay Library of Reformation Classics. Ed. Ian Breward. Sutton Courtenay Press, 1970. p. 458.↩

Mather, Cotton. A Christian at His Calling [Um cristão em seu chamado]. 1701. p. 37.↩

Ibid., p. 37-38.↩

Veja The Willowbank Report: Gospel and Culture [O relatório Willowbank: Evangelho e cultura]. Especialmente cap. 6, “Wanted: Humble Messengers of the Gospel” [Procura-se: Humildes mensageiros do evangelho]. Comitê Lausanne para a Evangelização Mundial, 1978.↩

Mateus 7.11.↩

Romanos 12.2.↩

## CAPÍTULO 4

Gálatas 5.22-23.↩

1 Timóteo 6.12.↩

1 Timóteo 6.20 (ARC); cf. 2 Timóteo 1.14.↩

2 Tessalonicenses 2.15.↩

Judas 3.↩

1 Coríntios 13.2. 1 Coríntios 8.1.↩

1 Coríntios 8.1.↩

Romanos 3.28.↩

Martinho Lutero. Commentary on the Epistle to the Galatians [Comentário sobre a Epístola aos Gálatas]. 1531. James Clarke, 1953. p. 101, 143.↩

Extraído de “Sermon on Salvation” [Sermão sobre a salvação]. First Book of Homilies [Primeiro Livro de Homilias]. 1547.↩

Beckwith, R. T.; Duffield, G. E.; Packer, J. I. Across the Divide [Além da divisa]. Lyttleton Press, 1977. p. 58.↩

1 Coríntios 13.2.↩

1 Pedro 1.8.↩

Filipenses 3.8.↩

1 Coríntios 13.1-2.↩

1 João 3.17.↩

1 Coríntios 13.3.↩

1 João 4.8,16.↩

1 João 4.19.↩

Vitz, Paul. Psychology as Religion [Psicologia como religião]. Eerdmans, 1977.↩

Wells, David. No Place for Truth [Sem lugar para a verdade]. Eerdmans, 1996.↩

1 Timóteo 1.16.↩

1 Coríntios 13.4.↩

Gálatas 5.13.↩

Do artigo sobre egkrateia, de Walter Grundmann em TDNT 2 (1964).↩

Romanos 8.9.↩

Gálatas 5.17.↩

Gálatas 5.16.↩

Gálatas 5.17.↩

Gálatas 5.17 (NAA).↩

Lightfoot, J. B. Galatians [Gálatas]. 1865. p. 209.↩

Gálatas 5.19-21.↩

Gálatas 5.22-23.↩

Gálatas 5.22-23.↩

Gálatas 5.24.↩

Gálatas 5.16, 18, 25.↩

Lucas 9.23.↩

Efésios 5.18.↩

Gálatas 6.8.↩

Gálatas 6.7.↩

Por exemplo, João 15.11; 14.27.↩

Mateus 11.29.↩

1 Pedro 2.23.↩

Romanos 8.29.↩

2 Coríntios 3.18.↩

1 João 3.2.↩

Por exemplo, Hebreus 12.4-11.↩

## CONCLUSÃO

Marcos 1.15, como ele traduz ēngiken.↩

Mateus 12.28, ephthasen.↩

Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↩

Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↩

Lucas 17.20-21.↩

Por exemplo, Marcos 10.15.↩

Mateus 6.10.↩

Mateus 6.33.↩

Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↩

Mateus 25.34.↩

Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↩

Gálatas 1.4.↩

Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↩

Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↩

Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↩

Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↩

Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↩

Romanos 8.15, 23.↩

João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↩

Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↩

Romanos 8.24.↩

Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↩

Romanos 8.19.↩

Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↩

Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↩

Romanos 8.25.↩

Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↩

Romanos 8.23.↩

2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↩

Hebreus 6.4-5.↩

Salmos 119.105.↩

2 Coríntios 5.7.↩

Deuteronômio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronômio 3.24.↩

1 Coríntios 13.9-12.↩

Deuteronômio 29.29.↩

1 Tessalonicenses 4.7-8.↩

Gálatas 5.16-26.↩

2 Coríntios 3.18.↩

Gálatas 5.17.↩

1 João 1.8.↩

Filipenses 3.12-14; 1.6.↩

Por exemplo, Levítico 19.2.↩

João 8.11 (NAA).↩

Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↩

2 Coríntios 12.12.↩

Apocalipse 11.15.↩

Hebreus 6.5.↩

2 Coríntios 4.10-11.↩

Apocalipse 21.5.↩

Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↩

1 Timóteo 6.12.↩

Efésios 4.3.↩

Mateus 13.30.↩

2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↩

Marcos 13.7.↩

Isaías 2.4.↩

O DISCÍPULO

Categoria: Estudo Bíblico / Ética / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: The Bible

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro The Contemporary Christian (1992), de John Stott.

*Primeira edição: Julho de 2021*

***Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro***

*Tradução: Denis Timm*

*Revisão: Equipe de revisão Ultimato*

*Diagramação: Bruno Menezes*

*Capa: Rafael Brum*

***Produção do arquivo ePub: Booknando***

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Lumos Assessoria Editorial**

**Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971**

S888

Stott, John.

A Bíblia : um livro como nenhum outro [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: The disciple: a calling to be Christlike

ISBN 978-65-86173-23-9

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Vida cristã. 3. Bíblia - Estudos bíblicos. I. Chester, Tim. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título. IV. Série.

CDU 248.4

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

facebook.com/editora.ultimato twitter.com/ultimato
instagram.com/editoraultimato